

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**GUILHERME MOREIRA DUTRA**

**“POR MAIS TERRAS QUE EU PERCORRA”: RELATOS TESTEMUNHAIS DE EX-COMBATENTES DA FEB**

**Bagé**

**2022**

**GUILHERME MOREIRA DUTRA**

**“POR MAIS TERRAS QUE EU PERCORRA”: RELATOS TESTEMUNHAIS DE EX-COMBATENTES DA FEB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

**Bagé**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

D978" Dutra, Guilherme Moreira  
"Por mais terras que eu percorra": relatos testemunhais  
de ex-comandantes da FEB / Guilherme Moreira Dutra.  
73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE  
LÍNGUA PORTUGUESA, 2022.  
"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. 2ª Guerra Mundial. 2. Força Expedicionária  
Brasileira. 3. Literatura Memorialista.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**GUILHERME MOREIRA DUTRA**

**"POR MAIS TERRAS QUE EU PERCORRA": RELATOS TESTEMUNHAIS DE EX-COMBATENTES DA FEB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18 de agosto de 2022.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

Orientadora  
(UNIPAMPA)

---

Profa. Dra. Isabel Cristina Ferreira Teixeira

(UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. Nathan Bastos de Souza

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 20/08/2022, às 08:02, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por ISABEL CRISTINA FERREIRA TEIXEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 20/08/2022, às 21:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por NATHAN BASTOS DE SOUZA, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO, em 21/08/2022, às 18:04, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0903727 e o código CRC 7F44FB13.

Referência: Processo nº 23100.017548/2022-80 SEI nº 0903727

Dedico este trabalho àqueles amantes da Literatura e da História, que assim como eu, acreditam que a memória e a experiência são fontes de evolução e aprendizado.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, pela vida e oportunidades que me foram dadas, percebo que me deu forças para superar todos os desafios que me foram impostos.

Aos meus pais, Marco Aurélio e Rosa, por todo apoio e confiança aos meus estudos, procuraram estar sempre presentes em minhas conquistas. Cabe mencionar meus irmãos Vinicius e Matheus, meus amigos e companheiros, gratidão por sua torcida.

Não posso deixar de mencionar os meus amigos, pessoas que Deus colocou em minha vida, esse trabalho é fruto do apoio de vocês, não irei mencionar nomes para não cometer a injustiça de esquecer algum ilustre fraterno. Agradeço aqueles que torceram pela minha desistência ou a não conclusão dos meus projetos, serviu para mim como combustível a nunca desistir.

Ao corpo docente da universidade, grandes mestres com seu profissionalismo, puderam influenciar meu crescimento acadêmico, em especial, a orientadora Prof. Miriam Kelm, com paciência em acreditar no meu trabalho, auxiliou na minha caminhada e construção dessa pesquisa. Agradeço ao autor de uma das obras estudadas, o senhor Sirio Sebastião Fröhlich, escritor de “Vozes da Guerra” (2015), muito camarada e solícito quando o procurei para a entrevista realizada, sou grato pelo seu apoio.

Por fim, agradeço a você leitor, espero que este trabalho possa lhe tocar e que contribua de alguma forma!

*O passado é lição para se meditar, não para se reproduzir.*

*Mário de Andrade*



## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso buscou trabalhar com a Literatura Memorialista, através dos relatos e testemunhos dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB). O objetivo para o estudo foi trazer para o conhecimento os relatos de experiência de guerra e uma narrativa autobiográfica dos expedicionários na 2ª Guerra Mundial (1939 - 1945), inserindo-os no estudo da Literatura Memorialista. A Metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, levantando dados e consultando autores nas áreas de História da 2ª Guerra Mundial, participação brasileira no evento e Literatura Memorialista, com ênfase em testemunhos dos veteranos e uma autobiografia. Para o complemento dos estudos foram utilizados teóricos sobre Literatura Memorialista e de Testemunho, com destaque a Alba Olmi. E por fim, esses relatos e testemunhos respectivamente, encontram-se presentes nas duas obras “Vozes da Guerra” de Sirio Sebastião Fröhlich (2015) e Boris Schnaiderman (2015) com “Caderno Italiano”. Ambas são lançadas no mesmo ano, porém apresentando pontos de vista relevantes, no modo de “como contar a História”. Em “Vozes da Guerra” o autor resgatou as memórias através de entrevistas com os veteranos que participaram do embate armado; a obra de Boris Schnaiderman (2015), escrita quando o autor já era idoso, é um relato autobiográfico sobre sua participação na FEB quando jovem. Sobre o que se pode considerar a partir do estudo dos relatos, através do tempo, busca-se homenagear e resgatar a memória desses bravos que fizeram a diferença e hoje são evocados com honra, para que as futuras gerações possam acessar e buscar entender como aqueles jovens saíram de suas casas e foram lutar não apenas contra um exército poderoso, mas contra todas as adversidades que lhes foram impostas. A Literatura Memorialista pode auxiliar a entender como esses fatos históricos estão presentes em relatos testemunhais, fazendo com que Literatura e História andem juntas.

Palavras-chave: 2ª Guerra Mundial. Força Expedicionária Brasileira. Literatura Memorialista.

## **ABSTRACT**

This Course Conclusion Work sought to work with Memorialist Literature, through the reports and testimonies of ex-fighters of the Brazilian Expeditionary Force (FEB). The objective for the study was to bring to knowledge the reports of war experience and an autobiographical narrative of the expeditionaries in the 2nd World War (1939 - 1945), inserting them in the study of Memorialist Literature. The methodology used was bibliographic research, collecting data and consulting authors in the areas of History of the 2nd World War, Brazilian participation in the event and Memorialist Literature, with an emphasis on veterans' testimonies and an autobiography. To complement the studies, theorists on Memorialist and Testimony Literature were used, with emphasis on Alba Olmi. Finally, these reports and testimonies are respectively present in the two works “Vozes da Guerra” by Sirio Sebastião Fröhlich (2015) and Boris Schnaiderman (2015) with “Caderno Italiano”. Both were released in the same year, but with relevant points of view, in the “how to tell the story” mode. In “Vozes da Guerra” the author rescued the memories through interviews with the veterans who participated in the armed clash; the work of Boris Schnaiderman (2015), written when the author was already old, is an autobiographical account of his participation in the FEB as a young man. About what can be considered from the study of the reports, over time, we seek to honor and rescue the memory of these brave people who made a difference and today are evoked with honor, so that future generations can access and seek to understand how those young people left their homes and went to fight not only against a powerful army, but against all the adversities that were imposed on them. Memorialist Literature can help to understand how these historical facts are present in testimonial reports, making Literature and History walk together.

Key-words: 2nd World War. Brazilian Expeditionary Force. Memorialist Literature.

## LISTA DE FIGURAS

|            |  |    |
|------------|--|----|
| Figura 1:  | Mensagem referente a rendição dos inimigos na Itália.....  | 21 |
| Figura 2:  | Imagem do jornal da época informando sobre o ataque que o navio Brasil sofrerá.....  | 24 |
| Figura 3:  | Figura 3: Brasão da Força Expedicionária Brasileira (FEB).....   | 25 |
| Figura 4:  | Reprodução dos lugares de atuação da FEB.....  | 28 |
| Figura 5:  | Croquis da manobra de conquista de Monte Castello.....   | 29 |
| Figura 6:  | Soldados comemorando o Dia da Vitória. Pracinhas aclamados em Massarosa. Destacamento do 6º RI sob o comando do capitão “Airosa”, 1944-1945..... | 31 |
| Figura 7:  | Documento enviado para o comando alemão, obtendo como resposta que eles esperariam ordem superior para se render.....                            | 33 |
| Figura 8:  | Recepção da FEB, Revista o Cruzeiro, de 28 de julho de 1945.....   | 35 |
| Figura 9:  | Soldados gaúchos no trem, esperando para partirem do interior do Rio Grande do Sul.....  | 48 |
| Figura 10: | Enfermeiras embarcadas, no porto de Nápoles, enquanto aguardavam o deslocamento para Livorno.....  | 52 |
| Figura 11: | Bóris Schnaiderman jovem, em Pistoia, dezembro de 1944.....  | 56 |
| Figura 12: | População faz fila nas proximidades de um acantonamento da FEB.....  | 60 |

## LISTA DE SIGLAS

DF - Distrito Federal

DIE - Divisões de Infantaria Expedicionária

EB - Exército Brasileiro

EUA - Estados Unidos da América

FEB - Força Expedicionária Brasileira

MG - Minas Gerais

ONU - Organização das Nações Unidas

RAF - *Royal Air Force*

RI - Regimento de Infantaria

RJ - Rio de Janeiro

RS - Rio Grande do Sul

SAREx - Serviço de Assistência Religiosa do Exército

SP - São Paulo

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                   | 14 |
| <b>2 O EVENTO HISTÓRICO: 2ª GUERRA MUNDIAL</b>        | 17 |
| <b>2.1 Antes da guerra</b>                            | 17 |
| <b>2.2 O início</b>                                   | 19 |
| <b>2.3 O Brasil no conflito</b>                       | 22 |
| <b>2.4 Participação da FEB</b>                        | 24 |
| <b>2.5 Final da jornada</b>                           | 31 |
| <b>2.6 O retorno para casa</b>                        | 34 |
| <b>3 A LITERATURA MEMORIALISTA/TESTEMUNHO</b>         | 39 |
| <b>3.1 Os traumas sendo trabalhados na literatura</b> | 40 |
| <b>4 AS VOZES DAQUELES QUE LÁ ESTIVERAM</b>           | 43 |
| <b>4.1 Os relatos daqueles que lutaram</b>            | 43 |
| <b>4.1.1 “Quem são esses velhinhos? ”</b>             | 45 |
| <b>4.2 A história por trás dos fatos</b>              | 46 |
| <b>4.2.1 O chamado</b>                                | 46 |
| <b>4.2.2 Na Itália</b>                                | 49 |
| <b>4.2.3 Anjos de branco</b>                          | 51 |
| <b>5 O CADERNO DE UM RAPAZ</b>                        | 54 |
| <b>5.1 O jovem Bóris</b>                              | 55 |
| <b>5.2 As particularidades vistas</b>                 | 57 |
| <b>6 AS VIVÊNCIAS EM COMUM</b>                        | 59 |
| <b>7.1 Conclusões específicas</b>                     | 64 |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                    | 65 |
| <b>ANEXO A – Canção do Expedicionário</b>             | 68 |
| <b>APÊNDICE A – Entrevista com o autor</b>            | 70 |

## 1 INTRODUÇÃO

*Você sabe de onde eu venho?*

*Spartaco Rossi; Guilherme de Almeida*

O trabalho de pesquisa visa apresentar os relatos vivenciais e históricos de ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB), veteranos que participaram da 2ª Guerra Mundial (1939-1945) na Itália com a conquista de Monte Castelo, entre outras operações das quais estes heróis participaram. Com objetivo de conhecer relatos de experiência de conflito bélico e uma narrativa autobiográfica de brasileiros na 2ª Guerra Mundial, inserindo-os no estudo da Literatura Memorialista.

A presente pesquisa não tem o intuito de defender o militarismo ou algo do tipo, mas sim, leva em consideração e respeito a memória daqueles homens e mulheres que foram lutar contra uma ideologia que causou muitas vítimas na Itália especificamente, lugar de atuação do Exército Brasileiro (EB), mas também entre todos os países envolvidos no grande conflito bélico.

As leituras e análises de testemunhos que estão presentes nas obras “Vozes da Guerra” do autor brasileiro Sirio Sebastião Fröhlich (2015), que reúne os testemunhos dos pracinhas<sup>1</sup>, a respeito dessa alcunha que os militares receberam, cabe aqui explicar melhor, para o rapaz realizar o alistamento é conhecido como “sentar praça”. O jovem alistado para compor a FEB passou então a ser conhecido como “pracinha” (BARONE, 2013).

No “Caderno Italiano” – uma narração autobiográfica de Boris Schnaiderman (2015), autor ucraniano que veio para o Brasil quando criança e depois ainda jovem, servindo no Exército Brasileiro, foi combater na Itália. Além de teóricos sobre Literatura Memorialista e Literatura de Testemunho, monografias, artigos acadêmicos e sem a utilização de fontes primárias, ou seja, não houve a entrevista de fato com um militar que combateu na guerra.

A respeito do título que está entre aspas, faz referência à “Canção do Expedicionário”, música de Spartaco Rossi com letra de Guilherme de Almeida, e trata do brasileiro que foi

---

<sup>1</sup> Na carreira militar há duas classes de hierarquia: oficiais e praças. A dos oficiais começa pelo posto de aspirante-a-oficial e vai até marechal. No caso das praças como pelo soldado recruta e vai até o subtenente. No caso desse contexto, segundo Barone (2013) designou aquele jovem soldado que constituiu a FEB.

combater em outro país e tem o desejo de voltar para a sua terra natal, com menções sobre as regiões do Brasil.

O que fez esse trabalho tomar o rumo de estudo para um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi a participação deste acadêmico no componente Literaturas de Expressão Portuguesa II (2021) em que uma das obras estudadas foi “Os Cus de Judas” (2007) do autor português Lobo Antunes. O surgimento do estudo veio com a observação da atuação dos militares portugueses que combateram nas colônias africanas e, após isso, os mesmos militares destituíram o sistema ditatorial que Portugal vivenciava na época. Em consonância, houve um comparativo dos militares brasileiros que foram lutar contra o fascismo na Itália e batalharam contra o exército nazista, considerado como um dos melhores exércitos da época, possuindo grande poderio bélico (BLAJBERG, 2008).

O trabalho apresenta as vivências pessoais desses homens, através de seus testemunhos e narrativas das experiências vivenciadas no período, por acreditar que esses relatos trazem aspectos da realidade que não costumam ser tratados nos livros de História, mostrando uma guerra de grandes proporções através dos indivíduos envolvidos, pessoas que tiveram suas vidas mudadas. Durante os capítulos alguns objetivos serão buscados: apresentar o contexto histórico da época; analisar a temática dos testemunhos dentro da Literatura Memorialista; e expor os testemunhos e uma narrativa autobiográfica dos veteranos brasileiros participantes na 2ª Guerra Mundial.

Os capítulos apresentados a seguir irão discorrer sobre alguns aspectos, sendo eles: capítulo 2, o evento histórico 2ª Guerra Mundial, com uma descrição sucinta sobre o que foi esse acontecimento. Dá-se ênfase ao Brasil, que na época vivenciava um sistema ditatorial através do governo do então presidente Getúlio Vargas com o Estado Novo (1937-1945).

Na sequência, irá se tratar a respeito da criação da FEB com os pracinhas, os quais mesmo com as adversidades nos teatros de operações (local onde ocorriam os combates), obtiveram êxito em suas participações em campanha, superando dificuldades desde o início (chegada a Itália), até de fato nos conflitos armados e no decorrer dos fatos houve uma desmobilização da FEB e aos poucos (os participantes) foram entrando para o esquecimento (RIBEIRO, 2008).

No capítulo 3 a ser apresentado, trata-se da Literatura Memorialista. É importante, sobre esses tipos de narrativas, dizer que: carta, testemunhos, diário, autobiografias, biografias e memórias e nos casos os livros apresentam tais relatos. Assim como diz Lejeune (2008) “[...]”

para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem...” (LEJEUNE, 2008, p. 02), nos relatos/testemunhos essa tríplice que está muito presente e principalmente em “Caderno Italiano”. Com isso, durante a leitura do livro de Schnaiderman (2015), o autor/narrador apresenta seus testemunhos e fatos vivenciados, uma vez que eles vêm traduzidos por uma instância narrativa, em que o Bóris quando rapaz vivenciou aquelas experiências no passado e esse trabalho de escrita se completa devido às condições de letramento de Schnaiderman.

No capítulo 4 e 5 respectivamente, dentro da área da Literatura Memorialista. Cabe, então, conhecer essas narrações históricas, explanar as vivências dos veteranos e tornar pública a relevância da participação da FEB, com o intuito acadêmico de trabalhar sobre a Literatura Memorialista, da qual esses relatos fazem parte.

Buscou-se estudar os relatos dos pracinhas brasileiros na 2ª Guerra Mundial que estão presentes nas obras de Sírio Fröhlich e Boris Schnaiderman, através de um evento histórico significativo do século XX. Apresentar pontos de vista distintos e convergentes sobre o mesmo evento, em que de um lado através da obra de Fröhlich, o autor recolheu os relatos dos pracinhas, indivíduos que evocaram do passado suas experiências que foram compartilhadas nas páginas da obra estudada. E por outro lado, Schnaiderman, um “febiano”, que fez uma descrição autobiográfica das experiências de guerra. O capítulo irá mostrar como pessoas que passaram por tais circunstâncias se expressam e como convivem com essa experiência. O capítulo 6 irá relatar indivíduos que passaram pelas mesmas situações têm formas diferentes de narrar a mesma história.

E o último capítulo serão as considerações finais, com a recapitulação referente ao que foi concluído com o presente estudo, elencando pontos pertinentes sobre as leituras expostas.

Nos limites deste estudo, faz-se uma distinção para dar nome às vozes testemunhais, utilizando o nome dos depoentes entre colchetes, quando apresentamos os relatos de ex-combatentes obtidos através de entrevistas e encontrados na obra “Vozes da guerra”, de Sírio Fröhlich.



## 2 O EVENTO HISTÓRICO: 2ª GUERRA MUNDIAL

*Que é a mira do meu fuzil*

*Spartaco Rossi; Guilherme de Almeida*

A compreensão sobre o desenvolvimento da 2ª Guerra Mundial foi uma sequência de fatos, desde o início com a Alemanha que sofreu duras penalizações após a 1ª Guerra Mundial, o que fomentou um desejo nacionalista, como uma epidemia essa ideologia do fascismo foi se espalhando pelo mundo. Enquanto no Brasil, ataques submarinos alemães a navios mercantes brasileiros foi o estopim para a participação do Exército Brasileiro na Guerra, com grande apelo popular também, acarretando o governo de Vargas a escolher um dos lados no conflito que até antes se mantinha imparcial.

Abaixo ir-se-á explicar melhor esses episódios, tratando sobre antes dessa situação adversa, o início dos embates armados, e como o Brasil se encontrava em meio a essa situação conflitante, até chegar de fato à participação da FEB na guerra. Sobre o contingente de militares que se originou: o seu início, a infeliz desmobilização do mesmo, causando silenciamento e o esquecimento

### 2.1 Antes da guerra

Após a 1ª Guerra Mundial o mundo vivenciava um período entre as guerras, não se tinha ideia das proporções que tomaria o totalitarismo dos regimes governamentais que os países europeus iriam sofrer: tanto na Alemanha, com o nazismo; quanto na Itália, com o fascismo.

Segundo Vicentino (2007) o nazismo teve origem na Alemanha e baseou-se teoricamente no livro *Mein Kampf* (Minha Luta), escrito em 1923 pelo ex-cabo Adolf Hitler que tivera participado da Grande Guerra, e tornou-se seu programa efetivo de governo em 1933, quando assumiu o governo alemão. Na Itália, o fascismo foi assumido por Benito Mussolini, que ocupou o governo a partir de 1922. Em outros países, formas especiais de totalitarismo também foram empregadas, como o franquismo na Espanha e o salazarismo em Portugal.

Essas novas formas de governo representavam uma resposta nacionalista às frustrações causadas pela 1ª Guerra Mundial, um modo de fortalecer o Estado intervencionista e um desejo de estabilidade diante das ameaças revolucionárias da esquerda (VICENTINO, 2007).

Os que obtiveram vitória na 1ª Guerra Mundial (1914-1918) impuseram várias medidas contra as nações derrotadas por meio do Tratado de Versalhes<sup>2</sup>. Os alemães consideraram essas medidas extremamente duras e humilhantes. Numa época em que a economia alemã estava em grave crise, o líder político Hitler instigou a revolta alemã, recorreu ao orgulho nacional, tomou o poder e consolidou o estado nazista. Um dos principais objetivos do governo de Hitler era ignorar a imposição do Tratado de Versalhes e quebrar a dominação internacional dos países pertencentes ao bloco vitorioso do conflito bélico.

Para o historiador Cotrim, governos totalitários da Alemanha, Itália e Japão atingiram um elevadíssimo grau de disciplina social nas suas respectivas nações, encaminhando os esforços para o desenvolvimento militar e principalmente a recuperação econômica que combateu a pobreza que assolava os mesmos. Esses regimes desejavam mudar a ordem internacional estabelecida pelos ganhadores da Grande Guerra. Assim, na década de 1930, adotaram uma política externa baseada na expansão territorial, militar e econômica. Os governos da Inglaterra e da França, por sua vez, adotaram uma política de apaziguamento, aproveitando a ordem internacional existente e querendo impedir um novo confronto mundial (COTRIM, 2005).

Para Blanc e Fiuza (2017), o fim da Grande Guerra redesenhou as fronteiras da Europa. A nova divisão territorial trouxe insatisfação e acirrou a competição. Em grande parte da Europa, a crise econômica mundial que começou em 1929 e o medo de uma revolução comunista – como a que tomou conta da Rússia – pintaram o quadro ainda mais severamente. Como resultado, ditaduras como Portugal, Espanha, Itália, Rússia e outras partes da Europa – exceto com as monarquias e o norte da Europa Ocidental – adotaram esse regime governamental. Na Alemanha, no entanto, os regimes de extrema-direita impostos pelo nazismo, ou pelo seu nome completo Partido Nacional-Socialismo dos Trabalhadores, se mostrariam ser os mais arbitrários, empurrando o mundo para uma nova guerra mundial ou

---

<sup>2</sup>Após o final da Primeira Grande Guerra uma série de decisões impostas aos alemães provocou uma forte reação das forças políticas organizadas no país em um curto espaço de tempo. Os alemães consideraram os termos do Tratado de Versalhes injustos, vingativos e humilhantes. Anos mais tarde, o desejo de mudar essas condições desencadearia um renascimento do nacionalismo alemão. (COTRIM, 2005)

mesmo estabelecendo campos de concentração para massacrar povos que segundo essa ideologia fossem uma afronta a raça superior, a ariana (BLANC; FIUZA, 2017).

Com isso, dava-se ideia do que viria pela frente e os adversários iam ganhando forma e poder. Em se tratando da Alemanha, saíram da guerra, nas palavras do primeiro ministro inglês Winston Churchill, "derrotada, desarmada e faminta", a circunstância econômica estava altamente crítica, com a inflação elevada e a impressão do papel-moeda acarretou num colapso no país (BLANC; FIUZA, 2017). E por último, o Tratado de Versalhes deixou marcas naquela nação e no povo que ficou cativo de um acordo, todos esses fatores foram primordiais para a ascensão de um líder.

## 2.2 O início

A Alemanha assinou um pacto secreto de não agressão com a União Soviética. Os líderes Stalin e Hitler decidiram invadir a Polônia e dividi-la em dois territórios, em 27 de agosto de 1939. Alguns dias depois, em 1º de setembro de 1939, tropas germânicas invadiram o território polonês pelo Oeste, seguidas por tropas russas que invadiram o Leste em 17 de setembro de 1939. Dois dias após o ataque alemão à Polônia, os governos britânico e francês declararam guerra à Alemanha. Era o início da 2ª Guerra Mundial de 1939 até 1945 (VICENTINO, 2007).

A Guerra envolveu por volta de 58 países de diferentes partes do mundo, embora os principais conflitos armados tenham ocorrido na Europa, Norte da África e Extremo Oriente. Vicentino (2007) comenta que, em 1939, o embate recebeu a alcunha de "guerra da mentira", os países se preparam para a guerra sem grandes batalhas. No entanto, em abril de 1940, Hitler embarcou em uma *blitzkrieg*<sup>3</sup> que incluiu ataques maciços usando veículos blindados (divisões *Panzer*), aviação (*Luftwaffe*) e navios de guerra (VICENTINO, 2007). Percebe-se o alto investimento na área militar que Hitler, o *Führer*, executou na Alemanha e que aos poucos a tornou uma grande potência bélica.

A ofensiva militar nazista estava em pleno andamento: Dinamarca, Noruega e Holanda foram ocupadas, e tropas francesas, britânicas e belgas foram empurradas para a cidade

---

<sup>3</sup>*Blitzkrieg* - termo alemão para guerra relâmpago, devido às táticas de ataque do exército germânico.

portuária francesa de Dunquerque e forçadas a se retirar do continente europeu. E assim, Hitler foi expandindo o nazismo pela Europa.

Em junho de 1940, o irresistível ataque nazista atingiu a França e ocupou Paris. O primeiro-ministro francês, marechal Pétain, assinou a rendição na cidade de Vichy, embora o sul do país ainda estivesse resistindo às forças alemãs. Hitler, que governava o continente europeu, voltou-se contra a Grã-Bretanha e iniciou um novo período de guerra. (COTRIM, 2005)

A estratégia da Alemanha contra a Inglaterra foi baseada em ataques aéreos, resultando numa grandiosa batalha nos ares entre a *Royal Air Force* (RAF) e a *Luftwaffe*. Com mais de 40.000 civis mortos em bombardeios aéreos, as perdas humanas foram pesadas nesse confronto, porém, a combatividade da RAF impediu a invasão às terras inglesas.

Os italianos e alemães também atacaram a Grécia, Bulgária, Iugoslávia e todos os Balcãs. Além de tudo, Hitler traiu o acordo em junho de 1941, “pacto de não guerra” que foi criado em 1939, com o intuito de obter minerais, grãos e petróleo que eram vitais para seus planos, não existindo a declaração de guerra, marchou sobre a União Soviética. As proporções dos ataques nazistas estavam tomando cada vez mais as terras europeias, seja pelos ares, terra ou mar (VICENTINO, 2007).

Enquanto isso, no Pacífico, em dezembro de 1941, o Japão atacou Pearl Harbor, a maior base naval dos Estados Unidos no Pacífico Sul, pela hegemonia geral e expansão contínua no Pacífico Oriental, levando os norte-americanos a entrar na guerra. As tensões entre os EUA e os nipônicos aumentaram desde a invasão da China e ainda mais após o ataque japonês à Indochina. O Congresso dos EUA declarou guerra ao Japão, formalizando o confronto no Pacífico, devido ao ataque sofrido, que destruiu uma grande parte da frota americana, deixando os japoneses ocupando posições de guerra ofensivas enquanto os americanos tentavam reconstruir suas forças (VICENTINO, 2007).

Fato interessante a se observar é que, por volta de 1942, Alemanha, Itália e Japão dominaram a guerra, expandindo e conquistando enormes áreas estratégicas na Europa, África e Ásia. Em se tratando especificamente da Alemanha, no mesmo ano, tiveram início os ataques aéreos norte-americanos e inglês sobre as principais cidades alemãs. A incidência desses ataques foi aumentando até 1945. Os aviões de guerra dos aliados destruíram as redes de comunicação e as zonas petrolíferas dos nazistas, prejudicando a indústria bélica germânica.

Esses episódios acarretaram o colapso das potências do Eixo, encerrando a avassaladora expansão totalitária (COTRIM, 2005)

Ao final do conflito, existem algumas divergências quanto às datas: algumas fontes apresentam dia 8 de maio de 1945, sendo este chamado como “Dia da Vitória” quando as tropas aliadas venceram o exército nazista. Os ex-combatentes Alcides Basso e Enéas Araújo comentam um fato interessante sobre isso, com a mensagem da boa notícia (Figura 1):

[Alcides Basso] [...] verdadeiro Dia da Vitória, para os brasileiros, é representado pela data da rendição alemã e o fim da guerra para nós.

[Enéas Araújo] [...] Considero 2 de maio de 1945 o Dia da Vitória. Eu estava em San Polo d’Enza, pertinho de Fornovo. O pelotão de transporte ficou nessa cidadezinha, onde passei mais de 15 dias (FRÖHLICH, 2015, p. 197).

Figura 1: Mensagem referente à rendição dos inimigos na Itália.

| THESE SPACES FOR MESSAGE CENTER ONLY  |                      |                                       |
|---|----------------------|---------------------------------------|
| TIME FILED  | MSG CEN NO.          | HOW SENT                              |
| 022146G   | 985                  |                                       |
| <b>MESSAGE</b> (SUBMIT TO MESSAGE CENTER IN DUPLICATE)  |                      | <b>SECRET URGENT</b> (CLASSIFICATION) |
| No. <i>Ref m 473</i>  | DATE                 | 2 MAY 1945                            |
| To CG 1 INF DIV BEF   |                      |                                       |
| SURRENDER OF ALL ENEMY FORCES IN ITALY BECAME EFFECTIVE 1845B THIS EVENING 2 MAY PD INSTRUCTIONS COVERING DISARMING AND PROCESSING <del>THE</del> FOLLOW <del>E</del> |                      |                                       |
| CG IV CORPS   |                      |                                       |
| OFFICIAL DESIGNATION OF SENDER  |                      | 2137<br>TIME SIGNED                   |
| AUTHORIZED TO BE SENT IN CLEAR  | SIGNATURE OF OFFICER | SIGNATURE AND GRADE OF WRITER         |
|   |                      | <i>[Signature]</i><br>COL             |

Fonte: Fröhlich (2015, p. 197).

Porém, o final da guerra se dá com a rendição japonesa após os episódios das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki no dia 2 de setembro de 1945, com a assinatura do Japão, último país que se rendeu, para oficializar o término do conflito através desse tratado de rendição (EMICO, 2015).

Cabe comentar, que a cada vez que os combates avançavam, apontava a ideia de um possível fim dos conflitos, surgiu a ideia de uma organização de grande importância, em agosto de 1944, havia uma clara intenção de criar uma nova ordem para substituir a Liga das Nações, considerada o nascimento da Organização das Nações Unidas (ONU). A mesma foi criada para estabelecer a segurança mundial, intervindo por meios diplomáticos sobre qualquer questão internacional, antes de se transformar em conflito bélico-militar, através de resoluções diplomáticas. Desde que os signatários cheguem a um consenso, a força pode ser usada na forma de uma coalizão de paz multinacional para restaurar a ordem e o estado de direito. As nações vitoriosas da Segunda Guerra Mundial - Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Rússia, além da China, por sua importância geográfica e demográfica - tiveram um papel importante na formação do Conselho de Segurança tornaram-se membros permanentes para votos e decisões de veto. Para equilibrar o papel reservado a outros países, foram criados seis assentos adicionais no Conselho de Segurança em que há uma alternância entre os 117 países integrantes da ONU (BARONE, 2013).

### **2.3 O Brasil no conflito**

Contextualizando o período em que o país vivia, Getúlio Vargas estava firmemente estabelecido na chefia de Estado na década de 1930, com o seu regime de governo chamado Estado Novo, cujas características eram antidemocráticas e se aproximavam muito com os regimes nazista e fascista. Sendo assim, pelo contexto da época era de se esperar apenas duas coisas do Brasil em relação à 2ª Guerra Mundial: ou se tornaria aliado da Alemanha, ou então iria declarar neutralidade, política adotada na maior parte do período (RIBEIRO, 2008).

Antes mesmo de haver guerra, o País mantinha boas relações diplomáticas, sejam elas com os principais países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), ou com os Aliados (Estados Unidos, Inglaterra, França). Porém, ao final da reunião dos Chanceleres das Repúblicas das Américas em 1942, no Rio de Janeiro, Oswaldo Aranha presidiu a conferência, o Brasil assumiu um posicionamento da situação, cortando relações de comércio com os germanos (BLAJBERG, 2008).

O Brasil, naquela época, ainda era uma nação largamente agrária com pouco investimento industrial, porém Getúlio adotou uma estratégia de implementar e modernizar a nação, buscando alguma forma de impulsionar a industrialização. Apesar de Vargas ter um

modo de governar de certa forma semelhante aos países do Eixo, as relações comerciais foram se firmando com os Estados Unidos. Com o apoio norte-americano, houve então a construção da siderúrgica nacional. Isso acabou gerando uma reação negativa a respeito da relação com a Alemanha (FRÖHLICH, 2015).

A despeito disso, os germanos começaram a ver como ameaça a neutralidade brasileira que se manteve nos primeiros anos da guerra. Por volta de março de 1941 os alemães atacaram o navio mercante chamado Taubaté (Figura 2), de São Paulo, esse acontecimento apesar de ainda não ter causado a declaração de guerra acabou abalando profundamente as relações entre os dois países. Pode-se dizer que esse foi o estopim para as futuras consequências: a entrada do Brasil no conflito, tendo a pressão norte-americana e também a aclamação popular para que o País participasse da guerra (RAHMEIER, 2013).

Devido a esses episódios, houve a declaração de guerra em janeiro de 1942 à Itália e Alemanha, assim o País entra oficialmente na 2ª Guerra Mundial abandonando a neutralidade e escolhendo o lado dos Aliados. Deve-se destacar que o Brasil declarou guerra ao Japão somente em junho de 1945 (FRÖHLICH, 2015).

O Brasil aumentou a atividade militar com o objetivo de proteger a costa marítima, permitindo que os EUA usassem bases aéreas no Norte e Nordeste brasileiro para facilitar as ligações aéreas entre a América para Europa, e a África como parte do trajeto. Os Estados Unidos, por outro lado, se comprometeram a fornecer equipamentos e armamentos destinados a modernizar as Forças Armadas e, se necessário, auxiliar na defesa do território brasileiro.

Por sua posição favorável aos Estados Unidos, o Brasil foi alvo de submarinos alemães, que começaram a atacar navios mercantes brasileiros nas rotas de abastecimento industrial dos EUA, ceifando a vida de centenas de brasileiros, em águas internacionais e na navegação costeira.

O descontentamento ante o desacato à nossa soberania foi crescente, a partir de então. O povo saiu às ruas para pedir que o governo tomasse uma posição ativa frente a esses atos hostis. Por vezes, excedendo os limites da razão, a população depredou consulados e repartições ligadas aos países do Eixo, casas comerciais e até residências de descendentes de alemães e italianos. Em Santa Maria, há relatos de apedrejamento a residências de descendentes de alemães, sendo necessária a utilização de forças federais, a fim de evitar depredações e incêndios. (FRÖHLICH, 2015, p. 25).

Figura 2: Imagem do jornal da época informando sobre o ataque que o navio Brasil sofreu.

**LEGIÕES DE SERVIÇOS ABANDONARÃO a Yugoslavia para a luta na Albania!**

**BOMBARDEADO UM NAVIO BRASILEIRO!**

ANO 228 - N. 4662 - Quinta-Feira, 26 de março de 1941

**O GLOBO** - FUNDAÇÃO DE JOSÉ MARINHO - 1925 - 16 ANOS - 1941

Errando o alvo, o avião, que tinha as insígnias alemãs, metralhou e canhoneou, em seguida, o "Taubaté"

**EDIÇÃO FINAL**

Um morto e oito feridos - Avarias a bordo - Rebocada para o porto de Alexandria a unidade do Lloyd Brasileiro

A comunicação recebida pelo Itamaraty -- Uma nota do Departamento de Imprensa e Propaganda

Comunicado do Departamento de Imprensa e Propaganda: "Segundo informação recebida pelo Ministério das Relações Exteriores de Alexandria, o vapor "Taubaté", do Lloyd Brasileiro, quando demandava aquela porta, na madrugada de 25 de março, ao cruzar o canal de Suez, foi atacado por um avião que, depois de lançar sobre o navio bombas sem atingir-o, o metralhou e canhoneou. Foi morto o capitão José Francisco França, ficando feridos o tenente João Pereira da Silva e o cozinheiro Theodoro Silva Ramos, além de outros, com ferimentos leves, sob outros membros da tripulação. Também foram produzidas avarias nos vários aparelhos de governo e de telegrafia. O comandante e os oficiais declararam perante o Consulado em Alexandria que o avião atacou "sem pilhas e insígnias das forças armadas alemãs. O vapor "Taubaté" foi rebocado para o refúgio porto, onde se encontra. O Ministério das Relações Exteriores tomou as providências que a caso couberem."

**AMEACA ALASTRAR-SE**




Fonte: Agência O Globo<sup>4</sup> (1941)

Diante disso, o ataque ao navio mercante, o ataque ao Brasil, o povo saiu às ruas em busca de algum posicionamento do governo da época, o trecho acima exemplifica as ações hostis que ocorriam com aqueles que tinham alguma ligação com os países do Eixo, sendo uma representação de preconceito, atitudes de xenofobia exacerbadas.

## 2.4 Participação da FEB

A Força Expedicionária Brasileira foi uma divisão do Exército Brasileiro, que realizou uma grande operação militar na Europa, ao ser enviada à Itália para combater ao lado dos Aliados na 2ª Guerra Mundial. Idealizada em 9 de agosto de 1943, graças ao Decreto Ministerial nº 4.744, após a declaração de guerra do Brasil às "Potências do Eixo" em agosto do ano anterior (FOGUEL, 2018).

A composição era de aproximadamente 25.334 homens e mulheres, sendo uma parcela em idade de serviço militar obrigatório, a participação transcorreu pelas duas fases finais, os embates na linha gótica<sup>5</sup> e a última ofensiva aliada nessa frente. A constituição militar da FEB

<sup>4</sup> Primeira página do jornal O Globo de 26 de março de 1941.

<sup>5</sup> Para Arruda, a definição do termo: ao sistema de defesa organizado pelos alemães na dorsal do território dos Apeninos, localizada na península italiana. Começava no litoral oeste em Massa e sempre acompanhando a linha de cristas terminava em Pesaro, no Adriático, é uma formação geográfica, semelhante a morros. (ARRUDA, 1974).



era em uma divisão de infantaria completa (1ª Divisão de Infantaria Expedicionária), uma esquadrilha de reconhecimento e um esquadrão de caça (Força Aérea Brasileira).

A opinião pública brasileira da época não acreditava que seu pequeno exército pudesse realmente ir lutar no “Velho Mundo”. Em 2 de julho de 1944, a “cobra fumou” e a Força Expedicionária Brasileira tirou os jovens de suas vidas e futuros no Brasil, para combater a Itália fascista de Mussolini, junto a vários outros soldados do mundo. Os Estados Unidos enviaram tropas de segregação afro-americana e nipo-americana sob o comando de oficiais brancos, tropas coloniais britânicas com canadenses, australianos, sul-africanos, neozelandeses, indianos e quenianos, franceses com marroquinos, argelinos e senegaleses. Havia ainda militares poloneses, gregos e tchecos e exilados como italianos antifascistas. (FOGUEL, 2018).

A origem do brasão da FEB (Figura 3) é algo interessante a se comentar: adotou uma cobra fumegante como emblema, aludindo aos que diziam que era mais fácil cobras fumarem do que o Brasil se envolver na guerra, simbolizando o inimaginável.

Na representação, o fundo amarelo, a cobra verde, as letras brancas e o fundo do letreiro em azul representam as cores da bandeira; a borda vermelha significa a guerra. A imagem da cobra fumando foi adotada em resposta a setores da política nacional, segundo os quais seria mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra. Com a FEB atuando em solo europeu, a pedido do general Mascarenhas de Moraes foi desenhado o distintivo. Os soldados brasileiros também usavam o distintivo do 5º Exército dos EUA, comando ao qual estava engajada a FEB. (FRÖHLICH, 2015, p. 34).

Figura 3: Brasão da Força Expedicionária Brasileira (FEB).



Fonte: Fernandes (2022).

Outra curiosidade pitoresca sobre o brasão da FEB surge no comentário que Boris Schnaiderman (2015) faz em suas memórias:

Naturalmente, estava surpreendido com aquela visita de um militar do Quinto Exército norte-americano, tendo na ombreira o distintivo da cobra fumando (desenhado por um sargento brasileiro, mas com versão definitiva de Walt Disney), e cujo significado as pessoas não compreendiam. (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 151).

A figura emblemática da “cobra fumante” chamou muito a atenção, não só para os brasileiros, mas também, para os italianos, o relato abaixo não é de um militar, mas sim de um civil, que na época era jovem. O seu nome é Rodolfo Borgognoni, morador de Gaggio Montano, tinha 21 anos na época em que conheceu os “febianos”, comenta sobre o que ouviu sobre esse brasão:

[Rodolfo Borgognoni] [...] alguns se vestiam a seu modo, desafiando o frio, e estavam sempre alegres. Quando os canhões americanos disparavam, gritavam com entusiasmo: ‘A cobra está fumando.’ Sabem o que é a cobra? Era a figura de uma serpente com a língua para cima e estava impressa na manga esquerda da jaqueta. Sempre me lembro [...] (FRÖHLICH, 2015, p. 34).

Quando o Brasil finalmente decidiu apoiar os Aliados, essa imagem improvável foi escolhida para representar uma vitória política para os brasileiros que queriam lutar pela libertação na Europa e também limpar a honra manchada pelos ataques dos navios torpedeados em mares brasileiros. Sobre o primeiro ponto, a libertação, o Brasil foi ao combate por isso, sendo que vivenciava o regime de governo totalitário de Vargas.

Vale comentar que antes, naquele período, o Exército Brasileiro não tinha ao seu dispor material bélico moderno e estava mal organizado para direcionar seu efetivo de acordo com táticas bélicas ultrapassadas. Além disso, o nível de prontidão técnica, física e psicológica dos soldados não era satisfatório para participar em um conflito dessa proporção.

O surgimento da Força Expedicionária Brasileira se deu em 23 de novembro de 1943, com a constituição de três Divisões de Infantaria Expedicionária (DIE), superando os obstáculos que surgiram desde o início da sua partida, até a chegada na Europa, com destaque para a atuação na Itália. Outro aspecto importante, o Brasil foi o único país da América Latina a mandar tropas para combater no *front* (FRÖHLICH, 2015).

O relato é feito pelo pracinha Ivan Esteves Alves, fala sobre o que vivenciou e mostra uma visão que infelizmente não está presente nos livros didáticos, ou não é de conhecimento geral, apesar dos fatos, tem até uma visão positiva da preparação do exército, segundo o mesmo comenta no trecho, diante das circunstâncias:

[Ivan Esteves Alves] Muitos falam que a FEB não foi para a Europa bem preparada. Dentro das circunstâncias, eu acredito que até foi. A preparação inicial dava a entender que iríamos para a África, pois tivemos até instrução de como conviver com muçulmanos. O meu batalhão, o 3º, seguiu para o Rio de Janeiro em 12 de março de 1944, mas teve um batalhão que foi antes (FRÖHLICH, 2015, p. 29-30).

Pode-se observar, também, um certo desencontro de informações pois não se sabia onde seria a atuação da FEB, este comentário se dá ao fato de haver uma base aérea em Natal, Rio Grande do Norte, usada pelos EUA, e essa região ser um ponto estratégico e mais próximo da África, sendo conhecido como “Trampolim da Vitória”.

O EB era baseado no modelo seguido pelo exército francês, havendo uma reformulação tanto na doutrina quanto na questão bélico-tecnológica e demais equipamentos. Newton Lascalea comenta a respeito da estrutura organizacional:

[Newton Lascalea] Não havia um efetivo fixo de sargentos por companhia. O Exército teve que se adaptar ao sistema americano, em que cada pelotão de fuzileiros tem três sargentos mais um adjunto; cada companhia tem três pelotões de fuzileiros e assim por diante. Em consequência, o número de sargentos multiplicou várias vezes. Houve, então, cursos emergenciais (de sargentos e de cabos) para que cada pelotão, cada companhia, tivesse o efetivo completo. (FRÖHLICH, 2015, p. 30).

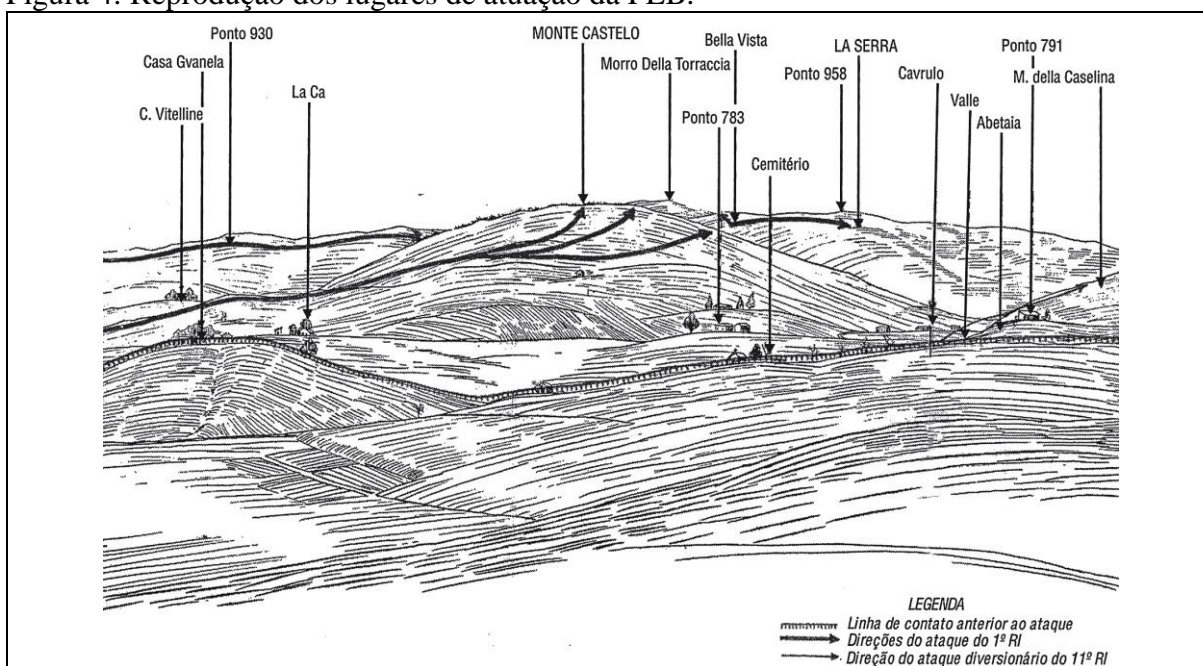
Schnaiderman (2015) comenta sobre a participação da FEB, apresenta sua visão e opinião sobre a atuação do exército no campo de batalha, o escritor quando rapaz foi soldado e lutou na guerra, comenta com senso crítico e olhar mais maduro, fruto da idade elevada, a experiência de vida. Olhando para trás tudo que passou, viu como algo sem sentido:

[...] Lembro-me, por exemplo, de 12 de dezembro de 1944. Dia em que soldados brasileiros, completamente destreinados, vindos de um país sob ditadura feroz, para "lutar pela democracia", foram lançados morro acima, numa tentativa insana de tomar o Monte Castelo, defendido pela poderosa máquina de guerra alemã. Que adianta lembrar esta data? Ela nunca será pretexto para hinos e paradas (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 154).

Dos testemunhos presentes no livro, o autor ainda se fixa nessa data, 12 de dezembro, quando ocorreu um dos ataques fracassados a Monte Castello, lembra com vergonha, dor do comportamento de uma época, a desonra de encarar alguém que tivesse passado por essas experiências. Para o autor, vendo em outra perspectiva, observar o “Jovem Bóris” passa por aquele sentimento de arrependimento por alguma ação errônea que tivera, parecendo não aceitar aquilo que viveu.

Porém no geral, sobre o papel da FEB, vale comentar a sua participação, os locais de atuação desse destacamento (Figura 4), com alguns triunfos: Camaione - Monte Prano - Barga, no vale do Rio Serchio; Monte Castello - La Serra - Castelnuovo, no vale do Rio Reno; Montese - Zocca - Marano sul Panaro, no vale do Rio Panaro; e Collecchio e Fornovo di Taro, na rica planície do Pó.

Figura 4: Reprodução dos lugares de atuação da FEB.



Fonte: Fröhlich (2015, p. 124).

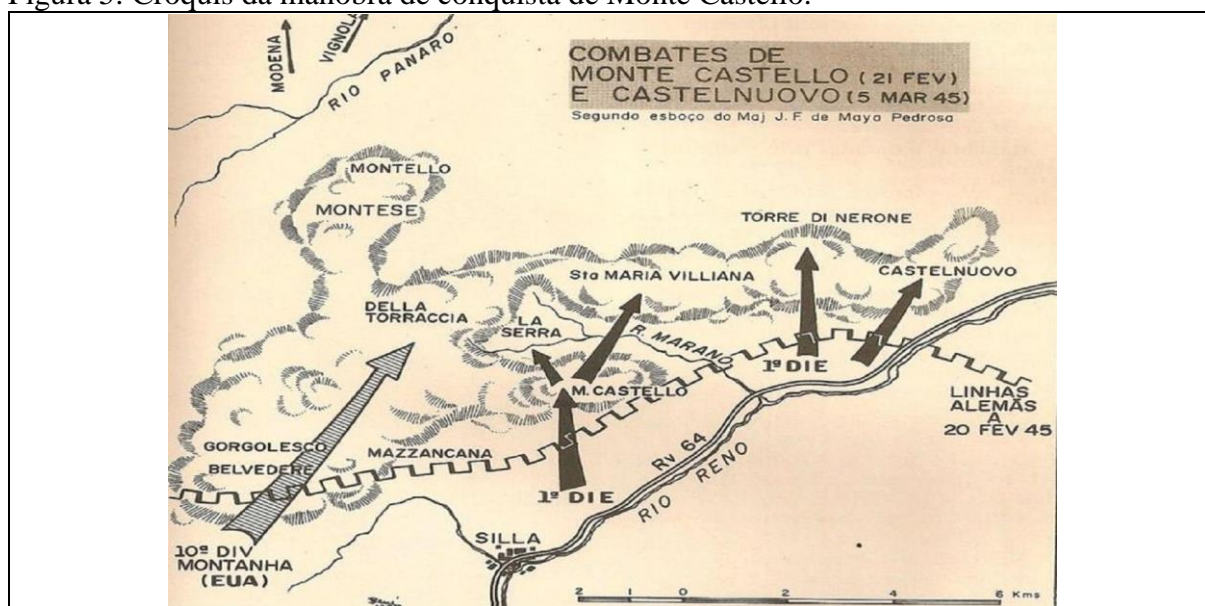
Para o teórico Boiteux, a presença do Exército Brasileiro no teatro europeu tem especial significado histórico, o envolvimento singular de militares latino-americanos no conflito, porque foi a primeira vez que os brasileiros saíram do continente americano para participar efetivamente de uma guerra mundial com os Estados Unidos e outros aliados e para enfrentar um inimigo formidável cuja natureza bélica quase conquistou todo o continente europeu (BOITEUX, 2020).

As palavras do comandante da FEB, Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, narram como foi uma das grandes conquistas do Exército Brasileiro, Monte Castello. O trecho em questão é retirado de uma obra que é voltada para as experiências de vida do Marechal Mascarenhas relatando o quão difícil esse episódio foi, além das dificuldades táticas, o inimigo forte e o clima frio que castigava os pracinhas.

[Mal. Mascarenhas de Moraes] A vitória de Monte Castelo foi a primeira de uma gloriosa série, em que as armas brasileiras colheram novos louros para o Brasil. Monte Castelo representa a preliminar gloriosa das nossas vitórias no Vale do Reno, exaltando a honra e a dignidade das armas brasileiras para a conquista de outros triunfos (MORAES, 2014, p. 283).

O comandante ainda explica que o plano ofensivo previa que a Divisão Brasileira à direita e a 10ª Divisão de Montanha dos EUA à esquerda atacariam tanto Monte Castello quanto Della Torraccia (Figura 5). Porém, não se concretizou, os alemães resistindo heroicamente conseguiram aguentar por volta de 48 horas. Juntamente com a tropa especializada norte-americana, os brasileiros obtiveram êxito em seus esforços em 21 de fevereiro com a conquista de Monte Castelo (MORAES, 2014).

Figura 5: Croquis da manobra de conquista de Monte Castello.



Fonte: ADIEx Itália<sup>6</sup> (2020).

Não só de glórias a história se constitui, houve perdas dos inúmeros soldados brasileiros, vidas que não podem ser substituídas. Por isso, destaca-se a bravura de muitos camaradas, por suas qualidades e virtudes da alma. Um exemplo foi o Frei Orlando que ajustou o equipamento, pegou o estojo de hóstias, seguiu a estrada até a colina. No entanto, também houve tentativas de dissuadi-lo, mostrando-lhe o perigo que enfrentava. Teimoso, buscou superar as alturas ao sopé de Castelo. Às vezes enfrentando o inimigo, às vezes sob fogo da artilharia, avançou

<sup>6</sup> Essa imagem foi retirada da página do Exército Brasileiro, é voltada à Aditância do Exército junto à Embaixada do Brasil na Itália.

resolutamente, a fim de levar conforto e consolo espiritual aos combatentes que estavam nas operações ofensivas.

Eis que um sargento italiano se abaixou para retirar uma pedra que estava atrapalhando a viatura em que estava, tentou removê-la com uma coronhada violenta do seu fuzil. A arma disparou, atingindo o capelão Orlando que estava a cerca de 3m de distância. Ele soltou um grito, colocou a mão no peito, deu alguns passos, tirou um rosário do bolso e balbuciou uma Ave-Maria. As orações foram abafadas por suspiros dolorosos. (PALHARES, 2013). Essa menção tem o intuito de relatar que a guerra tem essas fatalidades, situações que fogem do controle, o então patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx<sup>7</sup>), tombou em combate.

O episódio de Monte Castelo é de grande importância para as narrativas histórico-militares, em uma situação vantajosa que o inimigo se encontrava, após alguma invasão do Exército Brasileiro, segundo o ex-militar Francisco Gomes explica que o monte desafiou as tropas até 21 de fevereiro de 1945:

[Francisco Gomes] Monte Castelo era uma fortificação natural. Os alemães estavam como que no cume de um cone; de lá tinham comandamento [visão e possibilidade de fogos] sobre o terreno à frente e à volta deles. O Monte Castelo proporcionava uma vista perfeita de todo o vale. (FRÖHLICH, 2015, p. 124).

Deve-se acrescentar que esse monte era fortificado pelos alemães com uma rede de trincheiras interligadas com várias posições de artilharia e defensivas, localizado na encosta oposta à direção do ataque dos exércitos aliados. Ou seja, era um grande obstáculo que os pracinhas superaram.

Anteriormente, Schnaiderman (2015) comentou o triste episódio de dezembro. Após a superação com bem-aventurança, narra o carinho que ele e o seu grupamento teve, apresentando outro nome que os brasileiros receberam, sendo uma forma carinhosa de chamar os bravos que salvaram aquele povo, "*Liberatori*":

Passávamos por povoados com lençóis alvos pendurados nas janelas. Depois, encontramos populares aglomerados em alguns pontos, atirando-nos flores e gritando: "*Liberatori d'Italia! Liberatori d'Italia! Viva i liberatori d'Italia!*". Na frente, o carro-comando, com o tenente-coronel e o major ao lado. Em meio à emoção, nem percebíamos o que havia de absurdo nessa apoteose.

---

<sup>7</sup> SAREx- Segundo o site do Exército Brasileiro, é formado por ministros das religiões católica e evangélica, graças ao trabalho dos capelães militares, as tropas podem contar, em todas as circunstâncias, com a assistência espiritual.



Depois, nos cruzamentos, vimos rapazes e moças, de fuzil a tiracolo, que nos saudavam de punho cerrado. Parecia até que estávamos na Espanha republicana (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 131, grifo do autor).

Esse trecho apresenta um exército que já não era mais visto como no início dessa jornada, constituído por pessoas que fizeram a diferença na Itália, ou seja, quando começaram foram confundidos com alemães devido à semelhança da cor do fardamento, no final foram reconhecidos por libertadores da Itália (Figura 6), aqueles que ostentavam a “cobra fumante”.

Figura 6: Soldados comemorando o Dia da Vitória. Pracinhas aclamados em Massarosa. Destacamento do 6º RI sob o comando do capitão “Airosa”, 1944-1945.



Fonte: Waack (2015, p. 175).

## 2.5 Final da jornada

Após conquistar vitórias em solo italiano, mal os combatentes sabiam, mas a guerra tinha seu término e o fim da campanha na Itália com a data sendo 8 de maio de 1945. A obra de Fröhlich (2015) apresenta como cada um recebeu a notícia e o que estava fazendo, interessante perceber que a resiliência e um certo "costume" com aquela situação conflitante foi quebrado pelas boas novas do final da guerra. Houve diversas formas de recebimento da

mensagem, inclusive pelo rádio comunicador da viatura. Outro expedicionário comenta que estava prestes a atacar, prestando apoio pela artilharia, quando recebeu a boa notícia do fim da guerra, com uma grande festa. O ex-combatente Ewaldo Meyer relata como recebeu a notícia do término da guerra:

[Ewaldo Meyer] [...] em 8 de maio, efetivamente a guerra já havia acabado para nós, porque a 148ª Divisão Alemã havia se rendido em Fornovo. Em 3 de maio, recebemos um teletipo [documento histórico], assinado pelo comandante do IV Corpo de Exército, comunicando oficialmente o horário e o término da guerra. Guardo esse documento comigo até hoje (FRÖHLICH, 2015, p. 198).

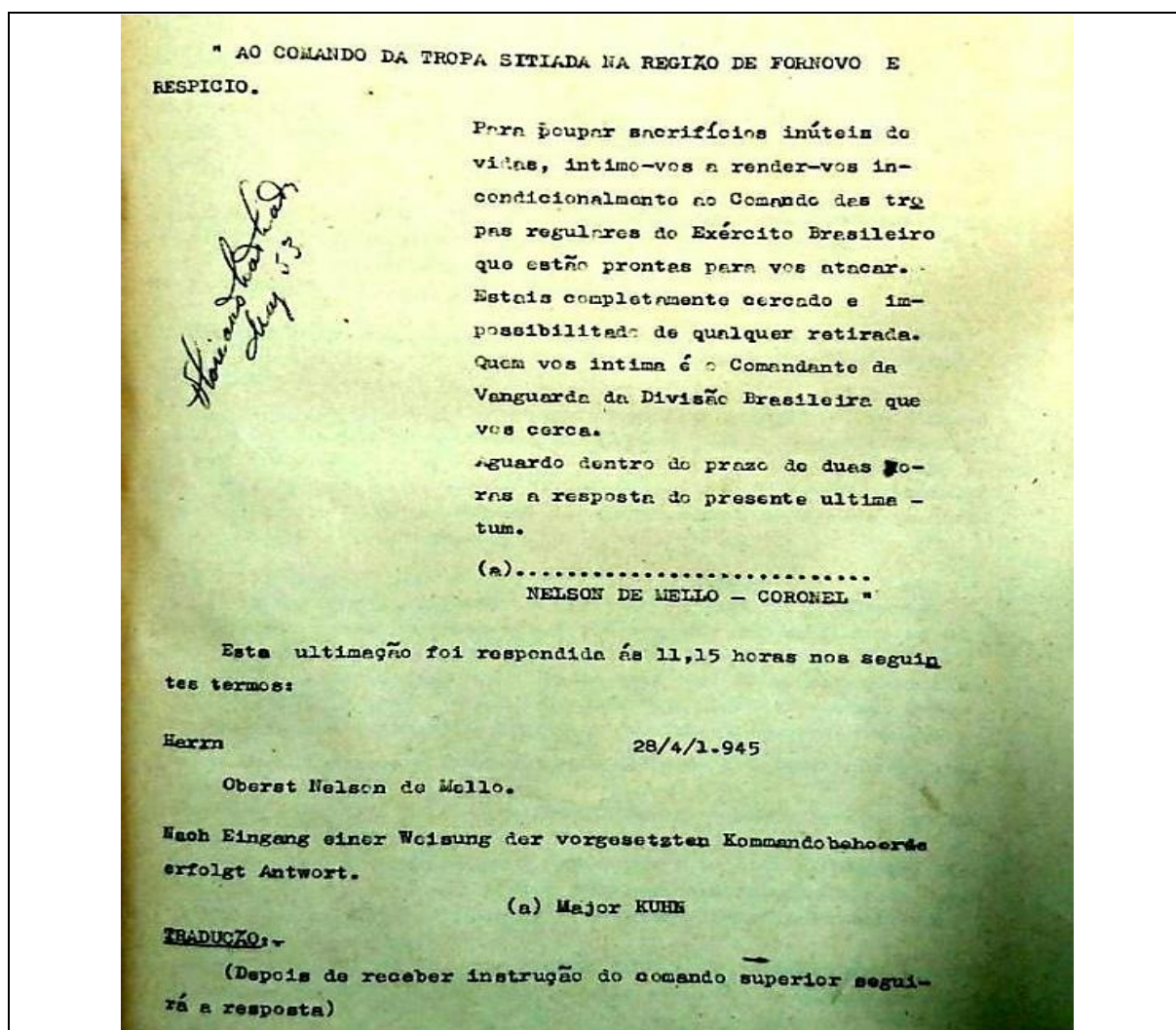
Ele ainda completa que houve resistência das últimas tropas nazistas, em certos pontos do noroeste da Itália, Meyer afirma que a unidade alemã era muito forte, tendo por fim a sua rendição. Havia tropas inimigas que não desistiram (Figura 7) e não se rendiam facilmente aos brasileiros. Portanto, seria irreal pensar que a rendição foi pacífica e os dois lados concordaram de forma tranquila. Na verdade, não foi: os alemães se renderam após várias escaramuças naquele dia e pesado bombardeio pela artilharia brasileira, o que baixou o moral dos "*tedescos*"<sup>8</sup>.

Figura 7: Documento enviado para o comando alemão, obtendo como resposta que eles esperariam ordem superior para se render.

---

<sup>8</sup> *Tedescos*: forma que os italianos chamavam os alemães (BARONE, 2013).





Fonte: Costa<sup>9</sup> (2022).

Percebe-se aqui que, mesmo com o término, mais um obstáculo havia para os pracinhas, as tropas inimigas que resistiram até o fim. Outro combatente, Pedro Vidal comenta como a mudança de situação melhorou pelo fim da guerra, a relativa tranquilidade que começou a aparecer:

[Pedro Vidal] [...] Podíamos ligar luzes à noite, fazer algazarra, e ninguém nos repreendia por isso. Percebia-se que havia algo diferente, mas não sabíamos que a guerra já acabara. Quando recebi a notícia, estava com meu pelotão em uma pequena vila no norte da Itália (FRÖHLICH, 2015, p. 198).

<sup>9</sup> Relatório de Campanha do 6º Regimento de Infantaria, do acervo do AHEx, com pesquisa e texto de Helton Costa, jornalista e dono da página V de Vitória.

Um relato de alguém que esteve em outra situação no combate, no caso, a retaguarda prestando apoio e salvando vidas, vem da enfermeira Virgínia Portocarrero, por ela ter sido testemunha no Dia da Vitória, é algo que não pode ser descrito, a mesma estava em missão no hospital de campanha e comenta que não imaginava tamanha vitória, reconhecia a grande resistência alemã, um inimigo valoroso, em seu diário descreve melhor sobre esse episódio:

[Virgínia Portocarrero] No primeiro momento, pensei que fosse uma brincadeira. Porém, houve uma transformação no hospital. Enfermarias lotadas. É um misto de alegria e de sofrimento. Pois uns pulam, gritam, assoviam; outros choram de emoção... Comentários no alto-falante; músicas tocando. São mais ou menos 12 horas... Os baixados vibram dando vivas. Oh! Grande dia este 8 de Maio de 1945. Estou atordoada e achando impossível. Parece um sonho, 'A GUERRA ACABOU'. É verdade sim. Viva o nosso Soldado Brasileiro!!!!!! Estou trêmula de emoção. Meus pacientes estão eufóricos. Gritam e se abraçam... Os americanos assoviam e dão gritos... Ninguém se entende. Meu coração bate descompensadamente. Meu Deus, parece até um sonho me conscientizar de que vou voltar para bem perto de papai e mamãe, para o meu querido Brasil!! (FRÖHLICH, 2015, p. 199).

A situação era de alegria, porém os frutos infelizes da guerra estavam na sua frente, ainda havia muitos feridos em combate, a missão não tinha acabado. Com muitos acamados, mutilados. Portocarrero narra que aquela visão não deixava sentir a conquista pelo final da guerra, ela ainda completa “[...] O sofrimento une todos, e com a mesma solicitude e caridade me dou e sofro, irmanada com o sofrimento grave de meus pacientes feridos.” (FRÖHLICH, 2015, p. 199). Esse trecho mostra a força da palavra em expressar tudo o que uma jovem enfermeira vivenciava naquela situação.

## **2.6 O retorno para casa**

A volta para o Brasil foi por navio, repleto de pessoas que passaram pela experiência traumática de uma guerra e foram profundamente marcadas. Mas de início, o que ajudou a suavizar essa dor foi a recepção calorosa que tiveram; o desfile de retorno que começara com uma formação perfilada, acabou sendo desfeito pela animada recepção que os pracinhas receberam (Figura 8), muitos acabaram sendo furtados pela euforia da população, querendo “um pedaço” deles. O antigo soldado Pacífico Pozzobon fala como foi a sua recepção:

[Pacífico Pozzobon] Durante o desfile, roubaram a máquina fotográfica que eu comprei na Itália e algumas lembranças que tinha trazido da guerra. Foi uma pena, pois levaram junto alguns rolos de filmes fotográficos. Infelizmente, muitos dos

momentos passados na Itália ficaram somente na memória (FRÖHLICH, 2015, p. 210).

Esse momento do desfile, era algo de grande importância, pois representa a união de familiares e amigos que foi interrompida abruptamente em alguns casos. É de se pensar que há a mais de 75 anos as informações não eram tão instantâneas como hoje em dia, às vezes ocorriam desencontros nas comunicações, pessoas que eram dadas como mortas apareciam vivas na frente dos entes queridos. Ewaldo Meyer explica melhor sobre isso:

[Ewaldo Meyer] Meu pai e minha mãe foram ver a chegada da FEB para ver se eu tinha vindo junto e assistir ao desfile; eles nem sabiam se eu estava vivo ou não. Acabei chegando em casa antes deles e tive que arrombar a porta para entrar. Fiquei esperando por eles. O desencontro foi justificado, tamanha era a aglomeração popular, mas o reencontro em casa foi emocionante para todos. (FRÖHLICH, 2015, p. 211)

Figura 8: Recepção da FEB, Revista o Cruzeiro, de 28 de julho de 1945



Fonte: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (FRÖHLICH, 2015, p. 213).

Após esses episódios de retorno, havia outra questão, o licenciamento. Nas linhas que Fröhlich (2015) apresentou, os pracinhas sentiram o descaso por parte das instituições na época,

uma vez que depois de cumprirem seus deveres começaram a serem esquecidos. A maioria dos soldados que entraram na guerra, por não serem militares de carreira, encerraram seus serviços com a desmobilização da Força Expedicionária Brasileira quando ainda estavam na Itália, chegaram ao Brasil praticamente dispensados de suas funções, apesar de terem retornado uniformizados.

Na época, o Exército não tinha uma estrutura que integrasse em suas fileiras todos os soldados que voltavam da guerra. Muitos se sentem abandonados. A separação é dolorosa porque destrói amizades construídas ao longo de meses. Resumindo: enquanto os soldados foram recebidos com festejos quando voltaram ao Brasil, na sequência foram dispensados sem levar em conta a marca que a guerra deixou em todos (FRÖHLICH, 2015).

Contudo, João Barone (2013) explica melhor sobre o silenciamento que os pracinhas estavam vivendo. Em seguida, os recém-chegados encontrariam novos problemas. Ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro, foi ordenado que todas as bagagens dos soldados - fardos de bagagens tipo A e B fossem encaminhados ao quartel para fiscalização. Depois, quase tudo o que os soldados trouxeram – armas, capacetes, facas de combate e troféus – foi saqueado, deixando poucos objetos pessoais nas mãos de seus donos. Os membros da FEB estavam proibidos de usar uniformes que expunham o símbolo da cobra fumante. O mais estranho era a proibição de medalhas em público. Também, banindo reuniões e qualquer outra forma de associação dedicada ao relato de ex-combatentes, eles foram impedidos até de mencionar seus feitos e histórias na Itália. O governo parecia querer silenciar ex-combatentes para impedi-los de comentar suas experiências de guerra (BARONE, 2013).

Outro combatente que completa isso foi Geraldo Taitson, que seguiu a sua vida após os eventos da guerra, fazendo uma crítica pesada sobre a postura do presidente da época:

[Geraldo Taitson] Getúlio não queria que permanecêssemos no Exército. Ele era um ditador; nós havíamos saído do Brasil para lutar contra duas ditaduras: uma alemã e uma italiana. Não ficava bem a FEB voltar para o Brasil e encontrar um ditador aqui. Em 29 de outubro, ele renunciou. Eu fui dispensado; havia sido convocado para a guerra (FRÖHLICH, 2015, p. 217).

A volta dos militares ao Brasil mostra que o mesmo mal que existia na mobilização da FEB continuará durante sua desmobilização, isto é uma completa falta de planejamento. Os mais de 25.000 homens enviados ao front retornaram com muitos problemas físicos e psicológicos. Houve descuido com aqueles que retornam da guerra, que testemunharam terror

extremo dentro e fora do campo de batalha. Os desmembrados, cegos e traumatizados não foram amparados por instituições médicas e sociais do governo. Muitos desses ex-combatentes foram deixados à própria sorte e ficaram na miséria. As chamadas "neuroses de guerra" mais graves foram tratadas como exceção, sendo internados em hospitais (psiquiátricos) e até abrigos, e enfrentaram grandes dificuldades de reintegração à sociedade. Para piorar a situação, muitos foram acusados de fingir que estavam sofrendo apenas para reivindicar benefícios médicos do governo (BARONE, 2013).

Esse preconceito é narrado por Schnaiderman (2015), em janeiro de 1960 na inauguração do monumento-mausoléu em homenagem aos ex-combatentes, quando encontrou uma parente do seu amigo de caserna, Berlim:

Transtornado como estava, cheguei a cambalear e fui amparado pelos que se encontravam perto. "O que ele tem? O que foi que aconteceu?" - interessou-se alguém que assistia à cena. E depois que lhe explicaram do que se tratava, ouvi o comentário: "Ora, para que tanta história? Afinal, nossos soldados só morreram de bebedeira ou desastre de jipe." (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 136).

Ou seja, foram se criando histórias, o que foi realizado não passou de mentiras. O silenciamento dessa parte da história acabou criando equívocos. Dentro da entidade militar brasileira, houve uma represália aos veteranos com experiência de combate que recém tinham chegado da Itália. O testemunho de Enéas Araújo exemplifica a provocação que sofrerá quando estava na ativa, e a resposta que deu diante aquela situação:

[Enéas Araújo] Certa vez, um sargento veio bulir comigo dizendo que eu andei com saco 'B'<sup>10</sup> pela Itália. Irritado, perguntei se ele me conhecia. Ele disse: 'Sei que você era do pelotão de transporte.' Arranquei a camisa e mostrei o talho que eu tinha nas costas e disse a ele 'Isso aqui é marca da Torre de Nerone, e me rendeu três meses no hospital. Não venha você falar besteira sobre o que não conhece. Até parece que você não depende do pessoal do rancho para comer. Eu estive no front e na retaguarda; sei a importância de todos em uma equipe.' (FRÖHLICH, 2015, p. 255).

A FEB representa um novo capítulo na história militar do Brasil, pois em menos de um ano tornou-se um exército muito diferente do que permaneceu no país. Encarnam os ideais de

---

<sup>10</sup> Segundo João Barone (2013) os soldados usavam esses dois tipos de bagagens (saco A, B). O tipo "A" para os utensílios de uso mais imediato, com o bernal, cantil. O tipo "B", que era deixado na retaguarda, com os itens que não eram de necessidade premente. Depois de algum tempo, os soldados convocados, mas não atuantes na frente de batalha passaram a ser chamados, jocosamente, de Saco B (BARONE, 2013).

modernização e reconhecimento pelo mérito, contra toda a fisiologia e ambição que permaneceu nas Forças Armadas antes, durante e depois da guerra, mesmo após a queda do governo Vargas. As Forças Armadas seguiam cegamente uma diretriz já enfraquecida, que a todo custo impediu o surgimento de heróis e figuras importantes que pudessem obscurecer a imagem de Vargas.

Com isso, buscou-se trabalhar com cada evento apresentando os fatos históricos com os testemunhos dos pracinhas, tais relatos são correlacionados a Literatura Memorialista em que de forma resumida, os relatos e fatos aqui mencionados pertencem a um conjunto de textos que resguarda a memória dos eventos, que será apresentado a seguir.

### 3 A LITERATURA MEMORIALISTA/TESTEMUNHO

*Esse V que simboliza*

*A vitória que virá*

*Spartaco Rossi; Guilherme de Almeida*

Sobre o acervo que pertence ao gênero Literatura Memorialista, trabalha-se juntamente com fatos históricos e os testemunhos. Segundo Alba Olmi (2006), trata-se de resgatar escrituras que, em alguns casos, são obscuras ou incompreendidas; no caso presente, seria sobre um assunto não tão conhecido: a participação brasileira na guerra, a qual pode ser utilizada para representar e testemunhar eventos marcantes, capazes de promover mudanças educacionais, políticas e sociais, ou contribuir para a teoria do memorialismo como gênero (OLMI, 2006).

Para Olmi, o instinto narrativo é tão antigo quanto a vontade de conhecimento, é uma forma privilegiada de dar sentido à vida, conscientizando-nos da diversidade de manifestações em nosso cotidiano, esse conceito se configura através da leitura das obras em que se vê os relatos dos ex-combatentes, fazendo esse resgate do passado e trazendo os fatos para a atual realidade, ou como a autora fala “as manifestações do cotidiano” (OLMI, 2006, p. 32).

O estudioso Seligmann-Silva comenta sobre o testemunho, o qual apresenta uma relação com a linguagem, desfazendo lacres e obstáculos com o instrumento da língua, trazendo algo que seja próximo a cada um, respeitando aquele leitor que não conhece sobre o assunto. No caso, o que foi observado nos relatos testemunhais é que eles apresentam fatos históricos vivenciados por indivíduos, levando o leitor à empatia por eles e em alguns momentos se colocando no lugar daquele militar que passou por tal experiência adversa (SELIGMANN-SILVA, 2003).

Conforme Seligmann-Silva (2003), a Literatura de Testemunho é mais que um gênero: é um aspecto da literatura que se destaca em nossos tempos desastrosos e compõe toda a história da literatura. É interessante perceber que duas pessoas diferentes, cujos testemunhos estão em obras diferentes, apresentam tanta semelhança, por exemplo, na questão de ajudar o próximo, em se tratando de uma realidade do povo italiano que sofreu devido a miséria que foi proporcionada pela guerra (SELIGMANN-SILVA, 2003).

Lejeune propõe pensar que um diário ou anotações esparsas se destinam ao próprio futuro, no caso, evocar lembranças para poder reencontrar elementos do passado e de certa forma trabalhar com estes no amanhã. Assim, haverá uma “trilha” clara atrás, como um navio cujo curso está registrado em um diário de bordo. Desta forma, há a possibilidade de reconstrução de vivências. É uma versão moderna da "arte da memória" cultivada nos tempos antigos. As anotações do cotidiano retêm a memória; no caso Schnaiderman quiçá pudesse executar tal ação, depois de várias décadas, caso não tivesse feito seus registros na juventude (LEJEUNE, 2008, p. 16).

Sobre esses pontos a respeito de uma guerra, quais valores permanecem presentes? A perpetuação das experiências se transfigura na Literatura Memorialista; percebe-se que falar sobre algo traumático de certa forma mexe com o indivíduo e a verbalização do que foi vivido, individual e coletivamente, é o que permanece.

### **3.1 Os traumas sendo trabalhados na literatura**

Os relatos trabalhados nos livros estudados dão uma ideia de como os pracinhas vivenciaram aquela situação traumática de guerra. Nos testemunhos de Schnaiderman (2015), percebe-se ali que o autor vai percorrendo pelas suas memórias, criando essa "distância" entre o autor e aquele jovem rapaz da época, os horrores vivenciados e fazendo parte do evento que marcou o século XX.

Presenciar um evento marcante, como os horrores da guerra e situação de combate, levanta uma questão inevitável – ou melhor, se impõe: entre a natureza “literária” e a “ficcional”, levando à escolha da narrativa que será construída. Nessa encruzilhada, encontramos vários problemas importantes que fundamentam a literatura de testemunho: o trauma, o real e o inimaginável (SELIGMANN-SILVA, 2003).

A respeito do trauma, o autor comenta as tragédias que os prisioneiros vivenciaram nos campos de concentração, uma das representações que algo pode fazer ao seu semelhante. O teórico explica sobre o trauma, como uma repetição íntima da cena, situações traumáticas que marcam o íntimo, assim se manifestando:

[...] rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma — e, portanto, envolve a resistência e a superação da negação —, como também visa a um



consolo nunca totalmente alcançável. Aquele que testemunha sobreviveu — de modo incompreensível — à morte: ele como que a penetrou. Se o indizível está na base da língua, o sobrevivente é aquele que reencena a criação da língua. Nele a morte — indizível por excelência, que a toda hora tentamos dizer — recebe novamente o cetro e o império sobre a linguagem. O simbólico e o real são recriados na sua relação de mútua fertilização e exclusão. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 52).

A respeito dos expedicionários, durante a leitura dos relatos ficam evidentes esses traumas, e revisitar o passado em alguns momentos é como “reabrir a ferida”, algo que ainda está presente na memória daquela pessoa que passou por tais situações. As imagens daquelas vivências são “cicatrices” que se carregam pelo resto da vida, como perder um camarada no combate, ver a população civil passando fome, entre outras situações.

Em certa entrevista cedida a Sabrina Costa Braga, Doutoranda em História - UFG, na Revista de Teoria da História, Seligmann-Silva (2018)<sup>11</sup> comenta sobre a importância da análise dos fenômenos históricos do século XX. Utilizar os testemunhos como fonte para escrever a história nos leva a discutir questões inerentes à teoria e ao método histórico, repensar conceitos sobre como o conhecimento histórico é construído e os limites entre a história e outras disciplinas, como a psicanálise.

Ele completa dizendo que ética e moral não devem ser confundidas: não há moralização da história ou da arte, mas as questões históricas e artísticas são consideradas num panorama ético e político. O genocídio sempre traz negação, assim, vendo pela perspectiva dos sobreviventes e das sociedades pós-genocídio, há uma particularidade da memória do trauma. São, portanto, variadas as determinantes para representação das memórias traumáticas, havendo esses episódios, a respeito da cultura memorialística comenta-se:

[Seligmann-Silva] A cultura da memória, [...] sobreviventes se inspiraram nela para construir seus locais de memória e recordação. A ética emanada dessa cultura da recordação entroniza o cuidado para com os mortos e para com aqueles que a todo momento estão em risco de serem colocados no papel da próxima vítima. Nesse sentido, podemos dizer que a cultura ética da memória marca sim ou deveria marcar nosso presente, para além dos casos particulares de (co)memoração (BRAGA, 2018, p. 299-300).

Essas referências devem ser colocadas no contexto apropriado, depois de duas grandes guerras, o silêncio e o que se pode chamar de elemento traumático da cultura são, na verdade, parte dos testemunhos. Não há dúvida de que a linguagem se reinventa. Aprende-se a

---

<sup>11</sup> Revista de Teoria da História, v. 19, n. 1, jun. 2018. Universidade Federal de Goiás - ISSN: 2175-5892

reconhecer o valor e a ver a arte sendo um meio poderoso de criticar e fortalecer inscrições históricas.

Em meio à literatura, a sociedade busca trabalhar com os relatos apresentados pelo ato de narrar, sendo a primeira como arte buscando trabalhar com o humano, realizando um corte temporal e assumindo uma postura social ativa. Sendo assim, o testemunho, quando sendo o com o relato traz a experiência, possuindo o papel crucial da narração e conservar a lembrança do ocorrido.

A literatura como ferramenta para reconstruir o passado possui a função de reestruturar e preencher as lacunas deixadas pelo tempo. Para Fiuza (2007), eles trazem o que estava temporariamente em processo de esquecimento para o presente. Os efeitos inexoráveis do tempo trabalham incansavelmente contra a memória. Assim, a narrativa se atualiza e estabelece uma nova temporalidade, cada repetição é nova, e é essa repetição que se encarrega de colocar a experiência na atualidade, dando-lhe voz e atualizando-a.

O relato, o testemunho, a narração de tempos e situações conturbadas trazem sempre à luz um coletivo que se quer patente. Mais que focar particularidades, as narrativas testemunhais são o reflexo de sociedades partidas que buscam, através da valorização da memória, retrabalhar e reorganizar um passado inconcluso (FIUZA, 2007, p. 167).

A recontagem de algo da vida confere legitimidade à narrativa testemunhal, transformando-a, em última instância, em bastião da verdade. O discurso em primeira pessoa, a narrativa subjetiva, acaba por ocupar uma posição privilegiada em relação à forma como o evento é narrado, havendo um sujeito para tal discurso literário.

## 4 AS VOZES DAQUELES QUE LÁ ESTIVERAM

*Por mais terras que eu percorra*

*Não permita Deus que eu morra*

*Spartaco Rossi; Guilherme de Almeida*

Trabalhar com a memória e testemunho é algo desafiador, ser um espectador dos fatos históricos torna-se atraente ao procurar entender o que o indivíduo estava pensando e sentindo em determinada situação, crédito à Literatura de Testemunho/Memorialista através das obras “Vozes da Guerra” de Sirio Sebastião Fröhlich (2015) e Boris Schnaiderman (2015) com “Caderno Italiano”.

### 4.1 Os relatos daqueles que lutaram

As histórias da FEB já foram descritas por diversos autores, inclusive pelo próprio comandante do contingente, marechal Mascarenhas de Moraes, que buscou passar suas experiências nos fronts de batalha. “Vozes da Guerra” (2015) procura registrar os fatos que ocorreram nas diversas situações de guerra, das pessoas e suas emoções no cotidiano conflitante com fidelidade e imparcialidade.

Tratar sobre aqueles que deixaram seus familiares, foi o trabalho do autor Sirio Sebastião Fröhlich com a obra “Vozes da Guerra” (2015), que anteriormente tinha publicado em 2011 “Longa Jornada - Com a FEB na Itália”, nos dois livros apresentavam as experiências de pracinhas em sua jornada do campo de batalha ao retorno da guerra, com o intuito de explanar mais sobre a temática, Brasil na 2ª Guerra Mundial. O autor na obra de 2015 buscou transcrever o mais fielmente possível os relatos dos veteranos, apresentando os seus traumas, experiências e até as alegrias mesmo que a situação não proporcionasse. Os testemunhos foram sendo expostos relatando desde a convocação, treinamento, deslocamentos das diversas localidades, embarque e chegada à Itália. Estando em terras napolitanas nossos heróis foram vivenciando os horrores que uma guerra pode causar, não apenas aos militares, mas também, aos civis.

Sobre o autor, Fröhlich é capitão do Exército Brasileiro da reserva e, na época em que foi escrito o livro, encontrava-se na ativa. A obra foi publicada junto às comemorações dos 70 anos (2015) da participação da FEB no teatro de operações da Europa. O livro apresenta os relatos, testemunhos dos indivíduos que acabaram entrando numa guerra e não tinham ideia do que poderia acontecer com suas vidas.

A obra descreve as trajetórias e o cotidiano dos militares desde a saída do campo de batalha até o retorno ao Brasil e a adequação à vida antiga, longe dos horrores da guerra, porém, isso deixou uma grande cicatriz aos veteranos. As operações militares nos Apeninos são apenas o pano de fundo para relatos pessoais. Esta edição do livro preenche uma lacuna na historiografia de longa data da FEB: enfoca os aspectos humanos dos militares brasileiros participantes do conflito e dos civis italianos que viviam nas áreas onde as operações estavam sendo conduzidas.

O depoimento é narrado na perspectiva de cada entrevistado, Fröhlich comenta os relatos apresentados na voz dos próprios ex-combatentes, mostrando virtudes, deficiências, sentimentos, "medo do medo" e emoções dos soldados. Por isso, não basta falar apenas da campanha italiana: os soldados brasileiros, em todas as partes do Brasil, abnegados, dedicados, valentes e patrióticos. Diante do terreno difícil, fogo inimigo e a pior adversidade, o frio implacável não importa quão assustadora a tarefa, os militares não vacilaram e buscaram dar o seu melhor.

A respeito da constituição dos relatos dos veteranos foram 45 entrevistados, a faixa etária precisamente no livro não é informada, mas considerando o ano que foi publicado em 2015, esses indivíduos eram idosos. A realização das entrevistas foram presenças, com a visita de algumas cidades do RS, além também dos estados (DF, MG, RJ e SP), o recolhimento foi basicamente a utilização de um gravador, após a compilação dos relatos, conforme o autor explicou na entrevista em anexo.

“Vozes da Guerra” busca demonstrar através das páginas os militares que atuaram na 2ª Guerra Mundial. Nesse sentido, este livro se diferencia dos demais, pois os personagens se comunicam diretamente com o leitor por meio dos depoimentos, proporcionando um relato, podendo ser interpretado como uma conversa com o pracinha, a percepção dos acontecimentos do ponto de vista de cada pessoa entrevistada.

Os depoimentos são apresentados em ordem cronológica, desde a organização e preparação da FEB, à ida ao teatro de operações, os combates e enfrentamento das situações de

guerra e o envolvimento da população italiana. E também, o findar com a vitória sobre o nazi-fascismo e volta ao Brasil, onde foram considerados heróis pelos italianos.

Verificou-se que houve uma intermediação do autor Frölich em relação aos relatos, pois além da recolha das entrevistas, ele as vai apresentando e comentando, o que direciona, de uma certa forma, o entendimento e interpretação dos testemunhos dos ex-combatentes.

No contexto da narrativa militar, além da participação dos veteranos, também se destaca o depoimento das enfermeiras da FEB, que lembram as rotinas de suas tarefas. Cuidando e apoiando incansavelmente os feridos, aliviando o sofrimento com dedicação elevada. Além dessas narrativas, porém, a obra inclui extensas entrevistas com civis que conviviam com soldados, os testemunhos de apoio humanitário recebido durante esse período crítico é uma prova do porquê eles ainda são lembrados com gratidão e carinho ao longo dos anos pelos italianos.

#### **4.1.1 “Quem são esses velhinhos? ”**

O título faz referência a uma parte do livro, em que o autor estava na plateia do desfile cívico-militar em Santa Maria - RS no ano de 2008, quando dois jovens assistindo à cerimônia, avistaram os veteranos passarem e surgiu tal questionamento, com outra pergunta “O que eles fizeram para estar aí?” (FRÖHLICH, 2015).

Com isso, Fröhlich decidiu reunir os relatos e testemunhos daqueles combatentes que estiveram à frente num campo de batalha, para contarem suas histórias e experiências para as futuras gerações, que infelizmente pouco tem conhecimento sobre esse confronto de amplitude mundial e a real participação do Brasil.

Possuindo seu início com um trabalho anterior, “Longa Jornada — com a FEB na Itália” (2011), na época houve boa aceitação, segundo o autor ainda havia algo a acrescentar, foram ouvidos militares de outras partes do Brasil (DF, MG, RJ e SP), comparando a obra de 2011 com a última publicada, além de algumas histórias que já estavam em “Longa Jornada”, houve uma inserção de novas histórias em “Vozes da Guerra”. Para o autor, o intuito da obra não tem caráter de adentrar mais na história, o que levou o Brasil e quais foram as razões, mas sim relatar e apresentar os testemunhos.

Ainda que amplamente discutido, o tema está longe de estar esgotado, pois, dos mais de 25 mil protagonistas brasileiros, os que ainda estão entre nós são quase desconhecidos pelo grande público. O propósito deste trabalho é resgatar memórias daqueles que foram, além de testemunhas, personagens da história da Segunda Guerra Mundial, valorizando sua contribuição para a democracia, liberdade e paz, então postas em perigo pelo nazifascismo (FRÖHLICH, 2015, p. 22).

Após um breve histórico que se encontra presente no livro, para tornar a leitura mais dinâmica e acessível, surge o espaço para os relatos repletos de sentimentos dos soldados que viveram longas jornadas entre suas cidades de origem até o campo de batalha. Por meio desses relatos, é possível observar e tentar imaginar o que um cidadão normal poderia fazer numa situação tão adversa.

## **4.2 A história por trás dos fatos**

As vivências e experiências dos combatentes que estão no livro “Vozes da Guerra” são repletas de detalhes e auxiliam o leitor a visualizar como é estar num ambiente de conflito. Buscar escolher qual relato para se trabalhar torna-se uma tarefa difícil, optar por qual estudar é praticamente impossível. Assim, ir-se-á pautar esta pesquisa em três pilares que se apresentam da seguinte forma: a ida para a Itália, o combate em solo ítalo e o retorno para o Brasil.

### **4.2.1 O chamado**

As narrativas sobre esses ex-combatentes, tratando o que eles passaram da saída de suas terras natais até a partida do Brasil para a Itália, mostram que a ação foi repleta de dificuldades e obstáculos. A convocação para a guerra foi, em muitos casos, aceita como “um chamado” que não poderia nem deveria ser recusado.

Colocando-se no pensamento contemporâneo, observa-se na mídia os conflitos no mundo, mas, ver o brasileiro se prontificando para um conflito, pode parecer algo longe de imaginar, eles saíram de suas casas para combater em outra terra, defender inocentes e vítimas do fascismo. O veterano comenta que essa questão de ir para a guerra foge de qualquer pensamento comum, conforme Ângelo França fala:

[Ângelo França]“Não se vai voluntariamente para a guerra. Isso é coisa de filme americano... A gente vai quando é escalado; eu estava servindo numa unidade que foi

escolhida para ir à guerra. Nesse caso, é uma questão de honra; ninguém pode fugir” (FRÖHLICH, 2015, p. 35).

Outro veterano comenta que existia a ideia de heroísmo na família devido alguns parentes terem participado dos embates da Revolução Constitucionalista (1932) e quando estes foram recepcionados como heróis, na sua mente criou-se essa admiração, para Pacífico Pozzobom esse conceito é narrado da seguinte forma:

[Pacífico Pozzobom] “Na minha imaginação de criança, desenvolvi a ideia de que, para ser herói, bastava participar de uma guerra. Quando soube que precisavam de voluntários para a Segunda Guerra, senti que havia chegado a minha vez de ir para o combate.” (FRÖHLICH, 2015, p. 42).

Os dois testemunhos, França e Pozzobom, apresentam um modo de pensar da época, marcado por aqueles jovens que estariam dispostos a dar sua vida, denota honra e abnegação em prol do dever de servir à pátria, rapazes que mantiveram seus ideais na luta, ao ler esses relatos percebe-se que não são palavras vazias, demonstram entusiasmo em querer fazer a diferença.

O deslocamento para a Itália, até a chegada na Europa, foi realizado através dos diversos meios de transporte, começando por ônibus, trem e por fim navio. Dos mais longínquos lugares do Brasil, passando por dificuldades como por exemplo: no conforto, alimentação e o mal-estar da ansiedade na questão da viagem por navio devido à incerteza de um ataque iminente nazista.

Merecem destaque algumas situações para melhor exemplificar: o primeiro, relato de Pedro Vidal comenta sobre o grande trajeto percorrido de Santa Maria – RS até a Itália, que ele e seus companheiros de contingente fizeram uma marchinha que era cantada durante o trajeto pela viagem: “Adeus, Sétimo de Infantaria; / até logo, Santa Maria; / nós vamos, mas voltaremos; / velho Sétimo de Infantaria [...]” (FRÖHLICH, 2015, p. 51).

A respeito do trem (Figura 9), Pozzobom comenta o quão adverso e infeliz aquela realidade da viagem, os pracinhas exigiam melhores condições nas viagens, pois havia um certo descaso por estarem naquela situação, “[...] eram os vagões boiadeiros sujos, fedorentos, sem beliches e, sequer, bancos. Estávamos amontoados no vagão como bichos” (FRÖHLICH, 2015, p. 53).

Figura 9: Soldados gaúchos no trem, esperando para partirem do interior do Rio Grande do Sul.



Fonte: Fröhlich (2015, p. 54).

E sobre a ansiedade, era uma luta constante, a incerteza do que poderia acontecer. Segundo um dos veteranos, quando havia momentos de calma, ouviam-se tiros de canhões para deixar o contingente em alerta, treinamentos de evacuação nas cabines, em condições quando acionados numa situação de torpedeamento, ou algo pior, afundamento de navio. Devido à situação desconfortante muitos preferiram ficar no convés do que ficar nos alojamentos. Samuel Silva completa o relato, falando que eram realizados com a tripulação simulações em caso de algum ataque inimigo:

[Samuel Silva] A gente não sabia se era exercício ou se podia ser valendo. O tempo todo, a gente andava de colete salva-vidas. Quando soava o alarme e se ouvia ‘postos de combate’, a tripulação saía correndo e tomava seus postos na metralhadora, no canhão, no posto de observação. Nós tínhamos ordem, a disciplina correta de não atrapalhar, de deixar livre a passagem para que a tripulação pudesse agir rápido. Quando vinha a ordem ‘abandonar o navio’, era de modo ordenado. Saía um pelotão, depois outro. Todos os marinheiros tinham lugar certo e missão definida (FRÖHLICH, 2015, p. 66).

Aqui percebe-se a inquietação de cada momento, uma viagem por mar que já levava muito tempo, a ideia que se trabalhava era que a “guerra” já estava acontecendo mesmo antes



de chegarem em terra, a presença da morte encontrava-se muito próxima; na questão de um ataque de torpedo, a ordem era única e sem ponderações. E Samuel Silva comenta: “Se necessário seriam fechadas as escotilhas. O lema era ‘melhor perder um compartimento do que, por causa dele, perder o navio todo’” (FRÖHLICH, 2015, p. 67). Tais regras, envolviam um sacrifício que dificilmente estaria aberto a alguma discussão.

#### 4.2.2 Na Itália

Após uma viagem em que foram superados diversos obstáculos, a chegada na Itália foi outra realidade que os “febianos” tiveram de enfrentar: presenciar um local que foi devastado, oprimido e destruído pela guerra, os combatentes brasileiros foram aprendendo a ser resilientes com o clima, fome e os horrores que a guerra proporciona.

Havia também outro infortúnio: como o uniforme do exército brasileiro se assemelhava um pouco aos uniformes alemães e italianos, seja pela tonalidade de verde, o bibico<sup>12</sup> e os muitos botões na frente da blusa de combate, acabou gerando uma confusão, os moradores da região acreditavam que era um contingente de prisioneiros de guerra alemães que estavam sendo transferidos, o que despertou uma revolta e agressividade pelos nativos em relação aos brasileiros. Alguns italianos mais agressivos gritavam “*tedesco maledetto*” (maldito alemão). Essas palavras estão incluídas em narrativas mais humoradas dos soldados, mas também podem servir de argumentos para desacreditar o EB assim que esteve na guerra. Esses relatos carregam um ar de crítica e humilhação, e são naturalmente distorcidos por aqueles que continuam insatisfeitos com a entrada do Brasil no conflito (BARONE, 2013). Mal tinha chegado à Itália e os veteranos tiveram essa recepção não tão agradável, ainda haveria outros percalços pela frente.

Porém, não só de desgostos os pracinhas passaram; Samuel Silva relata que em dado momento houve toque de formatura<sup>13</sup>. A tropa foi reunida, com a presença do general Mascarenhas de Moraes comandante da FEB, foi tocado o Hino Nacional e a Bandeira subiu, todas essas situações ocorreram em solo estrangeiro e a emoção tomou conta de seu coração junto com a responsabilidade da missão que lhe foi imposta, segundo suas palavras “[...] ao relembrar alguns fatos e algumas cenas de guerra, isso me traz grande emoção; ainda faz meu

---

<sup>12</sup> Cobertura militar, semelhante a um chapéu.

<sup>13</sup> Nessa situação os militares entraram em forma, para que o comandante passe as orientações à tropa.

coração acelerar [...]” (FRÖHLICH, 2015, p. 77), o pracinha completa que se sentiu honrado por estar presente. Algo interessante, que se pode observar mesmo com as adversidades vivenciadas até aquele momento, percebe-se que a vivacidade, o carinho pela terra natal e o orgulho por ser brasileiro.

Após esses momentos que foram descritos, chegou a parte de adaptação e treinamento, os pracinhas receberam alguma preparação no Brasil, porém quando chegaram na Itália tiveram que se adequar ao equipamento novo e tecnologia com a qual não tinham contato. O escritor Fröhlich (2015) completa que os soldados estavam por enfrentar um inimigo melhor preparado e de fato estariam num ambiente de guerra, além de tudo, o frio e medo foram sempre constantes. O pracinha Aribides Pereira comenta: “[...] o frio era intenso, e a neve começava a se formar” (FRÖHLICH, 2015, p. 83-84). Além das dificuldades das intempéries, o medo era algo que prejudicava os veteranos, estando numa situação adversa, realidade em que não havia conforto, qualquer sinal poderia representar o perigo do contato com o inimigo. Pedro Vidal narra que tal adversidade não poderia estar presente naquele momento: “[...] O medo era constante, mas era palavra proibida. ‘Tá com medo, soldado?’ ‘Não, senhor!’ [...]” (FRÖHLICH, 2015, p. 87).

Porém, algo que fica presente na leitura da obra é a presença do companheirismo, a relação de fraternidade entre os soldados, a questão de prestar apoio, algo presente na vida castrense. O combatente José Cândido afirma que o medo, por ser algo natural, é preciso enfrentar de um modo peculiar:

[José Cândido][...] na hora do combate, tudo muda. Eu tive muito medo, mas nunca demonstrei, nem aos superiores e nem aos subordinados. Eu sempre animava o pessoal e, como alagoano, não admitia demonstrar o medo. Em muitas ocasiões, quando os soldados diziam ‘Cabo, não vamos não, que nós vamos morrer’, mesmo sabendo que era perigoso, eu nunca demonstrei medo; eu os encorajava e seguíamos em frente” (FRÖHLICH, 2015, p. 88).

Aqui cabe comentar também a astúcia dos nazistas que além de serem superiores belicamente, a questão da propaganda esteve sempre viva, era uma arma poderosa para propagar os ideais dessa ideologia, o exército inimigo utilizava programas de rádio que passavam mensagens em português, para os pracinhas desistirem da guerra. Dentre essas mensagens, havia a ideia de gerar conflito com os Estados Unidos, um conflito que não lhes dizia respeito. O principal objetivo era dissuadir os soldados brasileiros. O veterano Severino Oliveira narra que todos os dias a ação dos nazistas era gerar mais conflito: [...] “os alemães

jogavam bombas que, ao estourarem, espalhavam folhetos sobre nós. Eles elogiavam a gente e metiam o pau nos americanos”(FRÖHLICH, 2015, p. 95). As informações e panfletos faziam parte de uma poderosa máquina de propaganda nazista projetada para desmobilizar soldados hostis.

Tratar sobre a experiência do desgosto em perder alguém numa situação de guerra não é algo que está presente na nossa sociedade, veja-se o testemunho do veterano Paulo Carvalho para perceber como é difícil superar a situação, a dor de ver alguém querido falecer diante de si, Paulo diz:

[Paulo Carvalho] Havia um soldado chamado Alcebíades [Bobadilha da Cunha], do Mato Grosso; era muito meu amigo; era aquela amizade gratuita, que não sabemos por que, e não nos larga... Ele era assim: amigo! Falava guarani e queria me ensinar. Eu era mensageiro, e ele fuzileiro, mas eu ia junto para todo lugar. Coitado! Naquele dia, depois de eu ter deixado os prisioneiros alemães na retaguarda e voltado para junto da companhia, naquele ataque alemão, ele levou um tiro na testa e caiu do meu lado; segurou minha mão e disse ‘Paulo...’ e caiu. Foi uma coisa muito triste.... Até hoje eu choro [emoção e lágrimas]. Alcebíades...filho de índios... do Mato Grosso. São as passagens tristes da guerra (FRÖHLICH, 2015, p. 119).

O testemunho trata sobre a tragédia de perder um companheiro, ou como os veteranos falam, um irmão de farda, havendo aquele laço de fraternidade com um desconhecido e pelo convívio diário, até que por uma tragédia essa pessoa falece, o quão pesado isso para uma pessoa que gera traumas que são ecoados pelo resto da vida, e pode se perceber o exercício para o narrador dar esse relato, no trecho apresentado a emoção é algo bem presente.

#### **4.2.3 Anjos de branco**

Sobre o serviço de saúde do Exército, foi composto por valorosas mulheres (Figura 10) à frente do seu tempo, determinadas em querer fazer a diferença nos campos de batalha, atuando na retaguarda, prestando o auxílio necessário para salvar vidas não só dos brasileiros, mas também de prisioneiros de guerra e da população civil. Conforme Bernardes (2020) comenta, por influência do exército norte-americano, houve essa mudança no panorama brasileiro. Como essas enfermeiras foram inseridas nessa força, não há dúvida de que possuíam uma visão de mundo diferente na enfermagem, na vida militar e social brasileira. Essas profissionais vinham de diversas partes do País e das mais diversas classes sociais do Brasil, desde filhas de grandes

empresários, militares, políticos, juízes e médicos, até moças simples do interior (BERNARDES, 2020).

Figura 10: Enfermeiras embarcadas, no porto de Nápoles, enquanto aguardavam o deslocamento para Livorno.



Fonte: Fröhlich (2015, p. 271).

Sobre a experiência de chegar até a Itália, houve um longo caminho que a mineira Carlota Mello percorreu, oriunda de família humilde, decidiu sair de sua cidade natal e se mudar para estudar, lá acabou indo cursar enfermagem numa oportunidade que o Exército estava oferecendo:

Eu marchei, corri, rastejei, aprendi a atirar... Fazíamos tudo que o soldado tinha que fazer. [...] Quando disseram que as voluntárias iriam mesmo para a guerra, “decidi na hora que eu iria... Eu já não tinha pai; telefonei para meu irmão, que era meu conselheiro. Ele explicou todas as dificuldades que eu iria enfrentar, mas apoiou minha decisão. Ele ligou para minha mãe e disse a ela que eu havia decidido ir para a guerra. E assim eu fui para a guerra. Com a cara e a coragem! Acho que foi uma ousadia minha diante da pobreza e das dificuldades por que passei. Fui para a guerra para fazer alguma coisa diferente, já que mulher não podia fazer nada... Eu quis enfrentar algo diferente; e fui!”[...] (FRÖHLICH, 2015, p. 265).

Sobre a atuação dessas profissionais, vale comentar Virgínia Portocarrero, comenta todo o cuidado e procedimentos em situações quando um paciente de guerra era evacuado e passava por uma cirurgia.

Muitas vezes o soldado nem percebia que havia sido amputado, pois a perna era enfaixada e colocada uma espécie de prótese no local. Quando o soldado dizia que sentia dor no pé, e nem tinha mais perna, eu fazia como se ele realmente ainda tivesse o pé; colocava um travesseiro embaixo para deixar mais confortável; fingia mesmo! Era para o bem dele. Às vezes entrava uma pessoa na enfermaria e dizia: 'Eu quero falar com o doente fulano que perdeu uma perna.' Eu não deixava falar. 'Tudo bem! Você pode visitá-lo, mas não fale que ele perdeu a perna; ele não sabe.' Essa era a orientação que seguíamos no teatro de operações; era ordem, e nós cumpríamos (FRÖHLICH, 2015, p. 272).

As enfermeiras brasileiras não só tratavam a saúde corporal, como também a saúde psicológica dos militares que ficavam em convalescença. Presenciar situações de amputações ou traumas psicológicos e manter o profissionalismo, demonstra um elevado grau de competência diante das adversidades, marca que esteve sempre presente em suas atuações.

Pensar num lado positivo, mesmo se tratando de uma guerra, a mobilização das enfermeiras para poder preencher esse efetivo de profissionais para serem empregadas no apoio de saúde em combate, é algo para se ver como sendo algo bem proveitoso. A mobilização para esse serviço de grande importância, causou um efeito bom, diante da ausência de infraestrutura que o País tinha na época (BARONE, 2013).

## 5 O CADERNO DE UM RAPAZ

*É de uma Pátria que eu tenho*

*Spartaco Rossi; Guilherme de Almeida*

Em relação ao autor, para poder entender melhor sobre essas “duas pessoas”, cabe aqui apresentar primeiramente o jovem rapaz, aquele que foi construindo sua carreira até chegar ao grande escritor que se conhece. Bóris Schnaiderman nasceu em Uman, na Ucrânia, em 1917, mas foi educado na Rússia. Quando ele tinha cerca de um ano de idade, mudou-se para Odessa. Em 1925, veio morar com os pais no Brasil, ora em São Paulo e ora no Rio de Janeiro. Mais tarde graduou-se como agrônomo em 1940 pelo Instituto Nacional de Agricultura do Rio de Janeiro. Alistou-se na Força Expedicionária Brasileira e participou da Segunda Guerra Mundial, combatendo no front italiano.

Na época quando a guerra foi deflagrada, participou das obrigações como cidadão com o intuito de regularizar sua situação, e “retribuir” a este país que o acolheu. Desde 1960, foi professor de russo na Universidade de São Paulo, aposentou-se em 1979 e tornou-se professor honorário em 2001, traduzindo para o português as obras de Pushkin, Tolstói, Dostoiévski e outros. Em 2003, ganhou o primeiro prêmio de tradução da Academia Brasileira de Letras (SCHNAIDERMAN, 2015).

Inicialmente, o autor publicou um romance com traços biográficos em 1964, intitulado “Guerra em Surdina”, que obteve quatro edições. Após anos, já na velhice atingindo a plenitude e a sabedoria que a idade proporciona vem a público com as narrativas puras e simples de sua participação no front, assumidamente autobiográficas. Na leitura de “Caderno Italiano”, Schnaiderman de fato pega pela mão do leitor e o faz percorrer as memórias, tratando dos traumas de uma forma mais letrada, características de um escritor e nesse caso específico de alguém que esteve no front.

[...] venho a público trazendo estas páginas de pura e simples narração agora a autobiográfica. Acontece que aquele volume (o autor refere-se à “Guerra em Surdina”) teve lastro em minha experiência real: os fatos ali narrados sucederam ora comigo, ora com algum de meus companheiros, ou pelo menos poderiam ter acontecido e foram imaginados por mim (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 11).

Acontece que o livro foi escrito segundo as experiências do autor, porém, após a publicação de “Guerra em Surdina” (1964) surgiu a vontade de apenas produzir a autobiografia - em resposta: “Creio que desta vez, passados tantos anos, ficará mais claro o motivo” (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 12). Levando em conta que na publicação da obra o autor tinha 96 anos, nota-se que o distanciamento dos fatos leva o autor a contar, de fato, a sua percepção do que foi vivido. O mesmo realizou pesquisas, algo muito presente na leitura do livro, vale mencionar o escritor, jornalista e cronista Rubem Braga<sup>14</sup>, responsável na época da guerra de realizar reportagens informando a situação do conflito para os brasileiros e o jornalista William Waack<sup>15</sup> autor contemporâneo que apresentou uma outra perspectiva sobre os fatos.

Podemos dizer que o autor trabalhou esteticamente a narrativa de seu passado, uma vez Schnaiderman tornou-se um homem letrado e o distanciamento temporal tão grande também implica em elaboração, esquecimento e preenchimento de lacunas pela via da linguagem.

### 5.1 O jovem Bóris

A leitura de “Caderno Italiano” vai apresentar uma ideia em primeira pessoa, quando o jovem Bóris (Figura 11) está prestes a entrar na guerra, com suas convicções e ideias. Durante as linhas o autor faz uma viagem pelas memórias revisitando lugares que estavam esquecidos, com apoio em outras perspectivas sobre a participação brasileira na guerra.

Os capítulos não são muito longos, o que auxilia para o leitor interpretar melhor sobre o que se trata, apresentando com detalhes o modo de pensar desse jovem, cuja mãe o orientava a ser menos recluso, as narrações apresentam um rapaz que era fascinado pelos estudos e com um carinho pela literatura e livros; outra “personagem” dessa história, era o seu amor por uma moça, Diná.

Figura 11: Bóris Schnaiderman jovem, em Pistoia, dezembro de 1944.

---

<sup>14</sup> Rubem Braga, autor da obra *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2011.

<sup>15</sup> William Waack, *As Duas Faces da Glória: A FEB Vista Pelos Seus Aliados e Inimigos*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, essa versão citada foi a que o autor utilizou em sua obra.



Fonte: Schnaiderman (2015, p. 184).

Aqui, nesta obra percebe-se que fatos históricos, que são apresentados nos livros didáticos, como pode ser exemplificado o estopim da entrada do Brasil na Guerra, neste caso sendo comentados por Schnaiderman, alguém que vivenciou:

[...] certamente, era o caminho para uma possível convocação e eu tinha certeza de que isto iria acontecer. Depois, houve o afundamento de nossos navios mercantes, junto ao litoral brasileiro, e a explosão da ira popular em nossas cidades, a destruição de propriedades dos súditos do Eixo e a declaração de guerra pelo governo Vargas [...] (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 31- 32).

Outra questão é a transição do Exército antes da 2ª Guerra Mundial e depois do conflito, a respeito da substituição de material, dos equipamentos que Schnaiderman operava, a mudança das normas e táticas francesas que foram assimiladas e substituídas pelas norte-americanas. (SCHNAIDERMAN, 2015).

Durante as páginas, a narração trata de episódios ora em casa, com a família, ora no quartel; em situação de combate na Itália e nos dias atuais. Mal comparando, é como se ele estivesse conversando com o leitor, pois lembrava de algo e fazia questão de comentar, o que acaba deixando ainda mais rico e cheio de detalhes o testemunho. Como por exemplo o caso de preconceito racial, que foi evidenciado no desfile da tropa:

Aquele desfile ficou famoso na história da FEB, pois, segundo se conta, por ordem do comandante do Primeiro Escalão, general Zenóbio da Costa, os soldados negros da



tropa foram deixados no quartel ou colocados na parte central de cada formação, para que só aparecessem os soldados brancos. Conforme pude constatar depois, era uma discriminação completamente impopular entre a tropa e alheia ao espírito predominante. Mas, naquele momento, somente se podia acatar a ordem recebida (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 45).

São essas peculiaridades que tornam os relatos do autor tão interessantes, e nesse mesmo capítulo comenta que a sua convocação para a guerra foi através do jornal (um dos principais meios de comunicação da época), algo que já esperava. A situação evoluía rapidamente, o jovem Bóris não sabia como agir, com os pais preocupados, procuravam alguma forma de tirar o rapaz da situação de ir para a guerra, porém Schnaiderman aceitou e sabia que nada poderia ser feito. Considera-se que o jovem era da cidade com pouco mais recursos e a convocação resultaria na ida à guerra. De outro modo, o momento era ainda mais complicado para alguém que vivia no interior e, diante da convocação, iria parar num navio rumo à Itália.

## 5.2 As particularidades vistas

Nas experiências narradas pelo pracinha Schnaiderman, um episódio específico é sobre particularidades em que o Exército Brasileiro tinha se comparado ao norte-americano, algo que sempre esteve presente na sociedade: o preconceito racial. Mas em se tratando sobre os Estados Unidos era algo mais discrepante, pois existiam companhias<sup>16</sup> militares formadas somente por negros e comandadas por brancos.

No entanto, este aspecto simpático não é o que predomina em minha lembrança. Pois não há como esquecer os outros norte-americanos, a tropa de homens negros, isto é, a 92ª Divisão norte-americana. Muitos deles em nosso país seriam considerados brancos, mas os rigores oficiais ianques frisaram a sua descendência africana. Os outros, os brancos, falavam deles com desprezo e diziam que era inevitável sofrerem um fracasso. Isto sempre me deixou perplexo. Já no navio-transporte, o General Man, a separação entre negros e brancos era chocante (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 144).

A obra de Waack (2015) cita sobre essa 92ª Divisão norte-americana, nela comenta sobre a situação e o que os nazistas faziam a respeito dessa parcela do efetivo militar dos brasileiros. O preconceito racial havia também pelo inimigo, percebe-se essa discriminação

---

<sup>16</sup> Neste caso específico, faz referência a divisão militar, ou seja, uma subunidade maior que o pelotão e menor que um batalhão.

altamente exacerbado com os negros. A visualização de um negro por um nazista era algo a ser catalogado. O autor apresenta como essas atitudes ocorriam nesse período:

Quando um negro era avistado, mesmo por binóculo, o fato merecia até mesmo ser registrado em comunicado. Na raiz das frequentes confusões (por parte dos alemães) entre brasileiros e “negros” está um comunicado alemão de 10 de outubro, no qual a FEB era tida como subordinada à 92ª Divisão de Infantaria americana. Essa unidade era formada exclusivamente por soldados negros dirigidos por oficiais brancos, fato que impressionou muitíssimo os brasileiros (WAACK, 2015, p. 52)

Em outra parte do livro comenta o desrespeito até com os pracinhas também na questão do transporte que os norte-americanos tinham.

Na mesma época, solicitado a mencionar que unidades (num total de dois corpos com cinco divisões) poderiam ser retiradas do seu teatro de operações e enviadas para a previsível ocupação da Áustria, seu QG vetou a FEB e a 92ª Divisão americana (de negros). Ambas poderiam ser transportadas rapidamente; seu valor ofensivo não era considerado “very high” [...] (WAACK, 2015, p. 113).

Há o relato com o testemunho de um outro militar dos Estados Unidos que reconhece tal atitude, considerada um erro, porém, segundo ele não via perspectiva de mudança. Diz Schnaiderman:

Conversei sobre o assunto da discriminação com os americanos brancos. Um deles me disse, então: “Nós sabemos que vocês é que estão certos. Em seu exército há brancos, mulatos, negros, amarelos. Mas para nós é impossível.” Deixemos, porém, de lado estas diferenças na apreensão daquele momento histórico. Ele realmente deve ser abordado com a soma das impressões e comentários mais diversos (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 145).

Diante do que foi observado nesse episódio, pode-se perceber e entender melhor sobre o quanto essa questão é delicada; não que no Brasil não houvesse casos semelhantes, mas se tratando do exército norte-americano, o desrespeito com o semelhante, os casos de preconceitos raciais eram mais recorrentes na parte do exército aliado.

## 6 AS VIVÊNCIAS EM COMUM

*Venho do além desse monte*

*Que ainda azula no horizonte*

*Spartaco Rossi; Guilherme de Almeida*

Os obstáculos que os pracinhas encontraram foram muitos, sem contar com o deslocamento, pois grande parte deles era de origem humilde, trabalhadores do campo, ou de cidades do interior. Pensar nesses jovens com um olhar contemporâneo traz um grande desafio. Durante a leitura de “Vozes da Guerra” e “Caderno Italiano” fica evidente como cada jovem enfrentou essa nova realidade, sendo esse homem ou mulher, percebe-se um outro modo de pensar, os depoimentos retratam modos distintos de enfrentar as dificuldades.

Outra questão que vale citar é a solidariedade que os soldados brasileiros faziam aos italianos, as principais vítimas diante daquela situação, reféns de uma ideologia. O escritor Schnaiderman exemplifica bem sobre isso:

Uma das etapas mais importantes da identificação do soldado da FEB com a sua função bélica foi o contato com a população civil na hora do rancho.

O caldeirão fumegante lá estava à sombra de uma árvore e, diante dele, uma fila de praças de marmita na mão. Do outro lado, junto a outras árvores, um magote de população miserável, inclusive crianças maltrapilhas, os olhos acesos dirigidos para o caldeirão.

Eu vi, então, soldados encherem a marmita e irem diretamente entregá-la a algum dos populares que assistiam à cena. Realmente, nada nos enquadrava melhor em nossa condição de combatentes em meio à população reduzida à miséria mais extrema (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 158-159).

Já no livro de Fröhlich (Figura 12), nota-se também a presença de alguns episódios de pracinhas que tiveram a mesma iniciativa em ajudar o próximo, sem saber quem era, trazendo um pouco de esperança àquela gente que vivenciava tanta adversidade. O livro apresenta o relato de João Gonzalez e trata sobre uma situação bem sofrida.

[João Gonzalez] Tudo que eu podia dar para os italianos, eu dava. Fazia surdina, mas dava. Disso eu não tenho remorso. Juntava as latas de comida que não consumia e, na primeira oportunidade, dava tudo aos italianos. Certo dia, chegou uma senhora com uma criança de uns sete anos. Passei para ela algumas latas de comida. Foi triste ver

aquilo: ela abriu uma lata e engoliu tudo de uma vez só. A menina chorando, agarrada à saia da mãe. Só depois de comer umas três latas de comida é que ela deu de comer para a criança. Coitada! Devia fazer muito tempo que não comia. Eram cenas que jamais gostaria que acontecessem aqui. Isso é lamentável! Guerra não é brincadeira! (FRÖHLICH,2015, p. 176).

Figura 12: População faz fila nas proximidades de um acantonamento da FEB.



Fonte: Fröhlich (2015, p. 168).

Também vale mencionar os horrores que ambos testemunharam, a descrição de serem vítimas no combate. Os detalhes tanto em Schnaiderman (2015) ou em Fröhlich (2015) transmitem sobre como é estar presente numa situação em que não se sabe o que fazer. No primeiro caso no “Caderno Italiano” (2015) relata-se o que poderia acontecer numa situação de combate:

Impressionante também é seu Rubens, padioleiro e, além disso, esclarecedor, isto é, explorador prévio do caminho a ser percorrido pela tropa, e que relata, após alguma vacilação, como ele perdeu a perna em Montese. "A minha perninha!", chega a exclamar depois que a emoção lhe destrava a língua. Isto nos recorda o sacrifício de tantos dos nossos, pois foi muito frequente na FEB. Além das explosões de minas, houve os casos de congelamento durante o quarto de ronda no *foxhole* (toca de raposa), isto é, cova aberta para ficar observando o inimigo (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 63).

Das diversas situações presentes em “Vozes da Guerra” (2015) a respeito de ferimentos em combate, tratando especificamente sobre os que foram feitos por minas terrestres, uma

armadilha "invisível", a qual quando menos se esperasse acarretava vítimas, em alguns casos poderia ser fatal e aumentando o número de baixas nos efetivos ainda mais; são marcas nas memórias dos veteranos. Comenta Geraldo Sanfelice como é presenciar a ação de uma mina:

[Geraldo Sanfelice] Estávamos seguindo por uma lavoura de trigo que vinha até a cintura. Havia uma estrada de chão batido para atravessar. Todos estavam descontraídos, porque a imagem era muito bonita, em um dia ensolarado. O tenente disse que a ordem era avançar. No que pisei na estrada, só ouvi um forte zum! e senti uma ardência na perna. Era uma mina antipessoal que havia sido deixada pelos alemães e explodiu. [...] “Parte do joelho havia sido arrancada, deixando ossos e nervos expostos. Por sorte, a granada que explodiu pegou só na perna, e não morri (FRÖHLICH,2015, p. 159).

Nos dois casos, é possível perceber que uma fatalidade pode acontecer quando menos se espera, em se tratando de uma armadilha. Uma distração rápida, um momento de guarda-baixa, e as cicatrizes são carregadas pelo resto da vida; esses são os enfrentamentos de um conflito bélico que não só causaram vítimas militares, como também civis.

A questão de se trabalhar a memória, estando presente em livros autobiográficos e testemunhos, é que ela se torna uma ponte para o passado, apresentando para as gerações atuais como as pessoas agiram e se comportaram diante de uma situação. Nos exemplos de Fröhlich (2015) e Schnaiderman (2015), há a possibilidade de o leitor conhecer mais sobre um momento histórico e perceber como é a realidade de uma guerra.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Venho do verde mais belo  
Do mais dourado amarelo  
Do azul mais cheio de luz  
Cheio de estrelas prateadas  
Que se ajoelham deslumbradas  
Fazendo o sinal da cruz.  
Spartaco Rossi; Guilherme de Almeida*

O estudo aqui abordado teve o intuito de trabalhar melhor com os testemunhos e relatos daqueles que fizeram a história, mudaram o rumo da vida de pessoas que foram castigadas por uma ideologia. Com o tempo essas pessoas foram silenciadas e esquecidas. Infelizmente essa ingratidão assola a sociedade, porém algo interessante é que os “*Liberatoris*” são até hoje lembrados pelos italianos. Durante os capítulos buscou-se apresentar os fatos indo de uma perspectiva maior chegando de fato ao objeto estudado - as memórias, relatos e testemunhos.

As obras estudadas tiveram o intuito de complementar a pesquisa utilizando o método bibliográfico, dado que a finalidade do trabalho é descritiva, com a busca em aprofundar o estudo sobre a temática, apresentando materiais nas seguintes áreas: História Geral, História do Brasil, Força Expedicionária Brasileira e a Literatura Memorialista. Os principais autores que foram trabalhados: Sírio Fröhlich (2015) e Boris Schnaiderman (2015), Alba Olmi (2006) e Márcio Seligmann-Silva (2003) entre outros que auxiliaram a completar a compreensão melhor sobre o assunto.

Com este trabalho também se objetivou, através das narrativas autobiográficas e relatos, conhecer as experiências de ex-combatentes brasileiros na 2ª Guerra Mundial, inseridos no estudo da Literatura Memorialista. Analisou-se a temática dos testemunhos dentro da Literatura Memorialista, com a apresentação do contexto histórico mundial e brasileiro da época. Isto foi realizado através dos testemunhos e uma narrativa autobiográfica dos veteranos brasileiros participantes na 2ª Guerra Mundial.

Durante os seis capítulos apresentados buscou-se estudar sobre a temática de uma forma que abrangesse o maior número de aspectos possíveis. No primeiro capítulo, apresentou-se a

introdução do assunto que iria ser trabalhado, e o que motivou a pesquisa com o estudo de uma obra literária vista num componente curricular em 2021.

No capítulo 2 o contexto histórico foi o carro-chefe, apresentando a ideia de que a eclosão da guerra se deveu a uma sequência de fatores, partindo do que acontecia no mundo, especificamente na Europa, e se espalhando pelo mundo. Até chegar de fato ao Brasil, apresentando um reflexo de como o Brasil era governado na época, com forte apelo populacional para a entrada dos brasileiros no conflito. Chegando na criação da Força Expedicionária Brasileira, buscou-se tratar cada ponto: início da convocação; o Brasil no conflito; final da operação militar com recebimento da mensagem do encerramento da guerra e, por fim, o retorno para casa, tendo início o silenciamento dos pracinhas e o sentimento de ingratidão que isso foi gerando.

No terceiro capítulo, houve a abordagem sobre a Literatura Memorialista, tratando como esse gênero anda junto com a História, não havendo a possibilidade de separá-las. Como já citado, essa ideia se configura através da leitura das obras em que se vê os relatos dos “febianos”, com o resgate do passado, e a tentativa de trazer a história para a atualidade.

O capítulo 4, sendo um dos livros que estão presentes no trabalho, trata sobre os relatos reunidos por Sírio Fröhlich (2015). Com o primeiro livro as abordagens são mais específicas: o desenvolvimento de “Vozes da Guerra” apresenta como foi iniciada a escrita do livro, passando pelos testemunhos, chegada na Itália em que os ex-combatentes começaram a entender o que estava acontecendo e, por último, o destaque às profissionais de saúde, as enfermeiras brasileiras que deram exemplos de profissionalismo. Cabendo comentar que no final, em anexo, a entrevista com o autor ajudou a compreender melhor sobre a constituição do livro, apresentando a quantidade e como foi feita às entrevistas com os veteranos. Fröhlich explanou as suas experiências, o contato com os pracinhas e os civis italianos, o empenho no trabalho em busca trazer as “vozes” dos veteranos e apresentar outra perspectiva da História.

O capítulo 5 com o trabalho das memórias de Boris Schnaiderman (2015). A segunda obra, "Caderno Italiano" (2015), apresenta uma outra abordagem se comparada com a primeira. O narrador é também escritor, alguém que testemunhou *in loco* os horrores da guerra. Schnaiderman, já idoso, é um autor que apresenta o jovem Bóris. Algo interessante a se notar é que parece se tratar de duas pessoas diferentes, havendo um convite para percorrer, através das memórias, o que esse vivenciara em sua época de juventude. No entanto, considera-se que o

autor, na condição de homem das Letras, e considerando o distanciamento temporal, trabalhou esteticamente suas memórias.

No capítulo 6, o trabalho aqui foi apresentar o que as duas obras, ainda que com olhares diferentes por vezes, puderam compartilhar em comum. De um lado, a primeira obra é constituída de relatos testemunhais, já a segunda é composta propriamente da vivência em combate resgatada pelas lembranças do autor. Mesmo sendo relatos diferentes, as experiências convergem em traumas e resiliência.

### **7.1 Conclusões específicas**

A respeito dessa pesquisa, buscou-se responder à problemática, tratando sobre a 2ª Guerra Mundial, conflito de amplitude enorme que de certa forma influenciou as futuras gerações nas áreas de tecnologia, questões geopolíticas, Medicina entre outros pontos. O questionamento que se levanta à geração atual é o que se conhece sobre a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial e as experiências daqueles soldados. As ferramentas para se ter tais respostas foram os fatos históricos e relatos presentes nas obras de cunho testemunhal, para então ser uma maneira de tornar mais conhecido esse assunto pela sociedade.

E também a abordagem da Literatura Memorialista, a reflexão sobre a memória expressa nas obras estudadas, levando em conta o desconhecimento da sociedade brasileira sobre sua história. A memória é algo que permite relacionar-se com o passado trazendo essa ideia de pertencimento, com atitudes e a capacidade de reconstruir mundos possíveis para se poder transitar entre o presente e o passado. No caso dos pracinhas brasileiros, exigiu a capacidade de narrar, testemunhar algo que fora vivido em outros tempos, e trabalhar com esses traumas, gerando de fato a literatura.



## REFERÊNCIAS

- ADIEX ITÁLIA. A conquista de Monte Castello: honra e glória da FEB na Itália. **ADIEx Itália**, [S. l.], s. d. Disponível em: <https://www.adiexitalia.org/index.php/pt/ultimas-noticias/204-a-conquista-de-monte-castello-honra-e-gloria-da-feb-na-italia-2>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.
- ARRUDA, Demócrito. A FEB chega à linha gótica. **Revista de História**, [S. l.], v. 50, n. 100, p. 587-597, 1974. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/132645/128729>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- BARONE, João. **1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- BARONE, João. **A minha Segunda Guerra**. São Paulo: Panda Books, 2009.
- BERNARDES, Margarida Rocha. Entrevista Verde-Oliva. **Verde Oliva**, Brasília, a. 48, n. 250, p.34 -39, jun. 2020.
- BLAJBERG, Israel. **Soldados que vieram de longe: os 42 heróis brasileiros judeus da 2ª guerra mundial**. Resende: Ahimtb, 2008. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/002890221e8afc1dd33a5>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- BLANC, Claudio; FIUZA, Julia. **70 Anos do Fim da Segunda Guerra**. [S. l.]: On Line Editora, 2017. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/70\\_Anos\\_do\\_Fim\\_da\\_Segunda\\_Guerra/5jwyDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1](https://www.google.com.br/books/edition/70_Anos_do_Fim_da_Segunda_Guerra/5jwyDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1). Acesso em: 15 jun. 2022.
- BOITEUX, Nylson Reis. O papel do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). **Verde Oliva**, Brasília, a. 48, n. 250, p. 26-27, jun. 2020.
- BRAGA, Sabrina Costa. Testemunho, Catástrofe e Historiografia: Entrevista com Márcio Seligmann-Silva. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 297-304, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/53907> . Acesso em: 13 jul. 2022.
- COSTA, Helton. **Relatório de campanha do 6º Regimento de Infantaria, do acervo do AHEx**. Vitória: 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/2t22un6c>. Acesso em: 14 jul. 2022.
- COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e geral**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- EMICO, Okuno. As bombas atômicas podem dizimar a humanidade – Hiroshima e Nagasaki, há 70 anos. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 29, n. 84, p. 209-218, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/9s86bRNRXRHyRTj8xzx4pZh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FERNANDES, Cláudio. A Segunda Guerra acabou em maio de 1945? **Brasil Escola**, [S. l.], s. d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-segunda-guerra-acabou-maio-1945.htm>. Acesso em: 21 jun. 2022.

FERNANDES, Cláudio. Força Expedicionária Brasileira (FEB). **Brasil Escola**, [S. l.], s. d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/forca-expedicionaria-brasileira-feb.htm>. Acesso em: 14 jul. 2022.

FIUZA, Marcos. **Literatura e Testemunho: A ficção como representação da experiência**. Rio de Janeiro: Gândara. 2007.

FOGUEL, Israel. **II Guerra Mundial: a cobra fumou**. São Paulo: Clube de Autores, 2018. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Ii\\_Guerra\\_Mundial\\_A\\_Cobra\\_Fumou/uSZKEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1](https://www.google.com.br/books/edition/Ii_Guerra_Mundial_A_Cobra_Fumou/uSZKEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1). Acesso em: 10 fev. 2022.

FRÖHLICH, Sirio Sebastião. **Longa Jornada com a FEB na Itália**. Brasília: EGGCF, 2011.

FRÖHLICH, Sírío Sebastião. **Vozes da Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico - de Rousseau à Internet**. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MORAES, J. B. Mascarenhas de 1883-1968. **Memórias**. 3.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014.

OLMI, Alba. **Memórias e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista**. Santa Maria: Edunisc, 2006.

PALHARES, Gentil. **Frei Orlando: o capelão que não voltou**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2013.

PIVA, Juliana Dal; WITZEL Nicollas. Tesouros de imigrantes alemães confiscados por Vargas na Segunda Guerra são descobertos. **O Globo**, [S. l.], 18 dez. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/tesouros-de-imigrantes-alemaes-confiscados-por-vargas-na-segunda-guerra-sao-descobertos-23311740>. Acesso em: 14 jul. 2022.

RAHMEIER, Andrea Helena Petry. As relações diplomáticas entre Alemanha e Brasil, no período de 1937 a 1942. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 17, n. 2, p. 167-178, maio/agos. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2013.172.08>. Acesso em: 10 fev. 2022.

RIBEIRO, Patrícia. Mudanças e permanências: a polêmica sobre o destino da Casa da FEB. Rio de Janeiro. **Militares e Política**, [S. l.], n. 3, p. 28-41, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mp/article/view/33807>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ROSSI Spartaco; ALMEIDA, Guilherme de. **Canção do Expedicionário**. 1944. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=lmqoUPuNBNM&ab\\_channel=Ex%C3%A9rcitoBrasileiro](https://www.youtube.com/watch?v=lmqoUPuNBNM&ab_channel=Ex%C3%A9rcitoBrasileiro). Acesso em: 12 fev. 2022.

SCHNAIDERMAN, Bóris. **Caderno Italiano**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2015.

SCHNAIDERMAN, Bóris. **Guerra em Surdina**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1964.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

**SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA DO EXÉRCITO [SAREx]**. Exército Brasileiro. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/sarex>. Acesso em: 21 jun. 2022.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral: ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2007.

WAACK, William. **As duas faces da glória: A FEB vista pelos seus aliados e inimigos**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2015.

## ANEXO A – Canção do Expedicionário

### Canção do Expedicionário

Composta por Spartaco Rossi  
Letra de Guilherme de Almeida

Você sabe de onde eu venho?  
Venho do morro, do engenho  
Das selvas, dos cafezais  
Da boa terra do coco  
Da choupana onde um é pouco  
Dois é bom, três é demais

Venho das praias sedosas  
Das montanhas alterosas  
Dos pampas, do seringal  
Das margens crespas dos rios  
Dos verdes mares bravios  
Da minha terra natal

Por mais terras que eu percorra  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá  
Sem que leve por divisa  
Esse V que simboliza  
A vitória que virá

Nossa vitória final  
Que é a mira do meu fuzil  
A ração do meu bernal  
A água do meu cantil  
As asas do meu ideal  
A glória do meu Brasil

Eu venho da minha terra  
Da casa branca da serra  
E do luar do meu sertão  
Venho da minha Maria  
Cujo nome principia  
Na palma de minha mão

Braços mornos de Moema  
Lábios de mel de Iracema  
Estendidos pra mim  
Ó minha terra querida

Por mais terras que eu percorra  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá  
Sem que leve por divisa  
Esse V que simboliza  
A vitória que virá

Nossa vitória final  
Que é a mira do meu fuzil  
A ração do meu bernal  
A água do meu cantil  
As asas do meu ideal  
A glória do meu Brasil

Você sabe de onde eu venho?  
É de uma Pátria que eu tenho  
No bojo do meu violão  
Que de viver em meu peito  
Foi até tomando jeito  
De um enorme coração

Deixei lá atrás meu terreno  
Meu limão, meu limoeiro  
Meu pé de jacarandá  
Minha casa pequenina  
Lá no alto da colina  
Onde canta o sabiá

Por mais terras que eu percorra  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá  
Sem que leve por divisa  
Esse V que simboliza  
A vitória que virá

Nossa vitória final  
Que é a mira do meu fuzil  
A ração do meu bernal  
A água do meu cantil

Da Senhora Aparecida  
E do Senhor do Bonfim  
Venho do além desse monte  
Que ainda azula no horizonte  
Onde o nosso amor nasceu  
Do rancho que tinha ao lado  
Um coqueiro que, coitado  
De saudade já morreu

Venho do verde mais belo  
Do mais dourado amarelo  
Do azul mais cheio de luz  
Cheio de estrelas prateadas  
Que se ajoelham deslumbradas  
Fazendo o sinal da cruz

As asas do meu ideal  
A glória do meu Brasil  
Por mais terras que eu percorra  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá  
Sem que leve por divisa  
Esse V que simboliza  
A vitória que virá

Nossa vitória final  
Que é a mira do meu fuzil  
A ração do meu bernal  
A água do meu cantil  
As asas do meu ideal  
A glória do meu Brasil

Fonte: <https://www.letras.mus.br/exercito-brasileiro/690032/>

## APÊNDICE A – Entrevista com o autor



### Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé - RS “POR MAIS TERRAS QUE EU PERCORRA”: RELATOS TESTEMUNHAIS DE EX-COMBATENTES DA FEB

#### Entrevista com o Sr. Sirio Sebastião Fröhlich autor de “Vozes da Guerra” (2015)

Acadêmico: Guilherme Moreira Dutra

Componente curricular: Trabalho de Conclusão de Curso II

Curso de origem: Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa

1 - Para o senhor, o que lhe despertou para estudar sobre esse fato histórico? Fale um pouco sobre como surgiu esse interesse.

**R.:** Como integrante da Seção de Comunicação Social da 3ª Divisão de Exército, em Santa Maria, RS, eu tinha contato direto com os veteranos, a cada solenidade alusiva à Força Expedicionária Brasileira (FEB) e acabei me tornando amigo de vários deles.

Em uma solenidade da Semana da Pátria, dois adolescentes conversavam em tom de brincadeira, que seriam “aqueles velhinhos” que abriam o desfile cívico-militar. Assim surgiu a vontade de fazer um trabalho que desse a “aqueles velhinhos” contarem algumas das suas histórias.

2 - Como surgiu a oportunidade de realizar as pesquisas e conversar com os veteranos e civis italianos? Qual foi a maior dificuldade encontrada e alguns pontos positivos que merecem destaques.

**R.:** Vou mencionar tópicos, separando os dois livros:

a. LONGA JORNADA (publicado em 2011), para o qual foram entrevistados 12 pracinhas da região central do RS

A pesquisa de em livros e jornais da época foi relativamente simples, pois, em Santa Maria, havia o jornal “A Razão”, que era filiado aos Diários Associados e tinha vasto conteúdo sobre guerra.

Naquela época ainda havia vários veteranos vivos e os convidei para prestarem depoimentos sobre eles e sobre a participação deles na guerra.

b. VOZES DA GUERRA (publicado em 2015) para o qual foram entrevistados 45 pracinhas residentes no RS e RJ e em MG e SP.

Basicamente, foi usado gravador e a posterior degravação e compilação dos depoimentos de veteranos e veteranas (enfermeiras). Os depoimentos de italianos que conviveram com os pracinhas foram colhidos na Itália, com apoio de intérprete, mediante gravação e posterior tradução e compilação.

Maiores dificuldades: de ordem financeira, pois os deslocamentos e hospedagem para colher os depoimentos no Brasil foram custeados por mim.

Pontos positivos: o deslocamento à Itália foi custeado pelo Exército, posto que o assunto é de interesse da Força Terrestre; receptividade positiva dos dois trabalhos, sobretudo “Longa Jornada”, que teve distribuição gratuita para escolas e bibliotecas, mediante apoio cultural da Pouplex. Os exemplares vendidos tiveram a arrecadação revertida para um museu em Santa Maria.

3 - O que o senhor percebeu quando os veteranos lhe contavam suas histórias? Qual a sensação que eles tinham, era algo difícil para eles visitar o passado?

**R.:** Alguns dos veteranos pareciam “voltar no tempo” e reviver o passado, sobretudo quando narravam as agruras da guerra, sobretudo para a população italiana; nesses casos, eu não insistia na pergunta e, em alguns casos, foram feitas entrevistas em dias diferentes, visando à preservação do entrevistado.

Geralmente, expressavam satisfação por saberem que as histórias deles seriam preservadas e poderiam ser transmitidas às gerações futuras, sobretudo quanto ao apelo de que a humanidade evitasse o horror de novas guerras.

4 - Como o senhor se sentiu após concluir o livro? Comente um pouco sobre essa experiência.

**R.:** Com a grata sensação do dever cumprido, não só por enaltecer os feitos de militares e civis que se dedicaram à preservação da paz mundial, mas também por poder dar a eles mais visibilidade.

Culturalmente enriquecido por ter viajado pelo Brasil e pela Itália, convivendo com pessoas diferenciadas e abnegadas e profissionalmente reconhecido pelo trabalho realizado.

5 - O senhor poderia falar qual foi a sensação na época quando conversou e explicou sobre o projeto do livro aos pracinhas? Como eles reagiram sendo os protagonistas dessa história? E como foi a reação quando este livro foi publicado?

**R.:** A sensação foi de grande receptividade e compreensão dos mesmos sobre a importância do trabalho, que visava ao reconhecimento dos seus feitos heroicos (apesar de nenhum deles dizer que considerava herói). Essa sensação aumentava ao passo que lhes explicava que eu não teria compensação financeira alguma.

A comprovação de contentamento e gratidão que recebi dos pracinhas no dia do lançamento de Longa Jornada, na biblioteca pública em Santa Maria foi memorável, pois todos os veteranos que haviam prestado depoimento, que ainda estavam vivos e moravam na região central do RS estavam presentes e autografaram os livros distribuídos.

6 - Para o senhor, o brasileiro está tendo respeito e consideração pela sua história em geral? O que o senhor diria sobre o estudo do Brasil na 2ª Guerra Mundial nas escolas?

**R.:** Infelizmente, não. Em geral o brasileiro não conhece a História do seu país, que, não raras vezes, é apresentada de modo depreciativo.

A Segunda Guerra Mundial deveria ser melhor apresentada nas escolas para os jovens. Estudam-se causas e consequências da mesma; contudo não é dado o devido destaque para a miséria humana decorrente da mesma, a exemplo do que foi impingido à população civil após a capitulação das forças militares. Esse evento deveria ser usado para despertar a consciência pacifista entre os jovens, mas também como exemplo de engajamento em prol da sua Pátria, o que, em suma, seria uma demonstração de proteção familiar.

7 - O senhor ainda tem algum contato com os entrevistados? Se sim, qual a forma?

**R.:** São raros os entrevistados que ainda vivem. Contudo, há outros que, tendo tomado conhecimento do trabalho, contactaram-me para dizer da relevância de ambos os livros. Cito o



exemplo da enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, uma das entrevistadas, prestes a completar 105 anos de vida, com a qual tenho contato por meio de familiares e outros mais.

Para mim, é motivo de orgulho haver recebido cartas de pessoas com mais de 100 anos, tratando-me por “jovem amigo que conheci na velhice”. Além da deferência de ter sido convidado a participar do convívio familiar de vários deles, ouvir de um herói de guerra “Muito obrigado! Você mora em meu coração”, me dá a certeza de que fiz um belo trabalho.

Por fim, digo que ver trabalhos como o seu trazem a convicção de que a chama da esperança de que cobra continuará fumando em prol da cultura de paz.